

O QUIMBUNDO EM CINCO TESTEMUNHOS GRAMATICAIS

KIMBUNDU LANGUAGE ACCORDING TO FIVE GRAMMARS

Maria Carlota Rosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

mcarlota.rosa@gmail.com

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo servir de introdução ao estudo de uma linguística africana em português, pré-saussureana, que começou a ser escrita no século XVII. Focalizou-se aqui o quimbundo, na medida em que essa língua foi objeto de descrições entre os séculos XVII e XIX, o que permite acompanhar as mudanças introduzidas na descrição linguística ao longo do período.

Palavras-chave:

tradição gramatical - línguas africanas - quimbundo - séculos XVII-XIX

Abstract:

This paper aims at introducing the study of a pre-saussurean African linguistics written in Portuguese. Kimbundu was focused here, as this language was the subject of descriptions between the seventeenth and nineteenth centuries, which allows us to follow the changes introduced in the linguistic description throughout the period.

Keywords:

grammatical tradition – African languages – Kimbundu -17th to 19th centuries

1. O surgimento de uma linguística africana

O interesse europeu no estudo das línguas africanas subsaarianas começa a crescer a partir do século XVII em decorrência dos esforços de evangelização e de interesses econômicos. São do século XVII gramáticas sobre o congo

(1659)¹, sobre o gueês — ou gueze ou ge'ez — (1661)², sobre o amárico (1698)³, mas também sobre o quimbundo (1697)⁴. Entre os trabalhos pioneiros desse campo específico de estudos que então tinha início e viria a ser conhecido como *Linguística Africana* estão gramáticas escritas em português.

Este texto tem por objetivo servir de introdução ao estudo de cinco gramáticas do quimbundo escritas em português entre os séculos XVII e XIX, indicadas no *Quadro 1*.

Autor	Título	Acesso	Publicação
Pedro Dias, S.J. (?1621-1700)	<i>Arte da língua de Angola</i>	BNRJ (OR 97, 2, 15); USP/IEB (LR I 33) disponível na internet	Lisboa, 1697
Bernardo Maria de Canneccattim, O.F.M.Cap. (1749-1834)	<i>Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense</i>	BNRJ (Obras Raras, 097, 03, 25; OG II-252,4,34) disponível na internet	Lisboa, 1805
Saturnino Souza e Oliveira (1824-1871) & Manuel Alves de Castro Francina (fl. séc. XIX)	<i>Elementos gramaticaes da lingua nbundu</i>	BNRJ (OR 97, 3, 26)	Luanda, 1864
Héli Chatelain, (1859-1908), Igreja Metodista Episcopal; Mission Philafricaine	<i>Gramática elementar do kimbundu ou língua de Angola</i>	disponível na internet	Genebra, 1888-89
Ladislau Batalha (1856-1939)	<i>A língua de Angola</i>	BNRJ, ANEXO II-637,1,16,n.1 disponível na internet	Lisboa, 1891

Quadro 1: O corpus

Embora raras, tais obras já não são de difícil acesso devido à internet. As dificuldades na leitura desses textos não emergem nem da letra nem do

¹ Brusciotto de Vetralla, Giacinto (*O.F.M. Cap*). 1659. *Regulae quaedam pro difficillimi Congensium idiomatis faciliiori captu ad grammaticae normam redactae*. Rome: Sac. Congreg. de Propaganda Fide. [*Regras para mais fácil compreensão do difícil idioma do Congo, redigidas no modo de normas gramaticais*].

² Ludolf, Hiob. 1661. *Grammatica aethiopica*. London: Thomas Roycroft.

³ Ludolf, Hiob. 1698. *Grammatica linguae amharicae, quae vernacula est Habessinorum in usum eorum qui cum antiqua hac et praeclara natione christiana conversari volent, edita*. Frankfurt: Johann David Zunner.

⁴ A *Arte* de Pedro Dias, S. J., focalizada neste texto.

português em que foram redigidas: têm por base a distância que separa esses textos da linguística atual.

Embora já distantes no tempo, dado o número de republicações recentes pode-se afirmar que a repercussão da *Arte*, das *Observações* e da *Gramática Elementar* ainda se faz sentir. A obra de Dias teve pelo menos três edições desde 2006⁵, além de estar disponível na íntegra na internet pela Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP) e através do Internet Archive. Para a *Collecção de Observações* de Cannecattim há sete fac-símiles recentes sob demanda⁶ sobre a edição de 1859, uma edição e estudo sobre o texto de 1805 preparados por Gonçalves (2014), disponibilizadas ainda as edições de 1805 e a de 1859 na internet. Para a gramática de Chatelain, mais fac-símiles⁷ e também a obra disponibilizada integralmente na internet.

Os títulos das obras aqui focalizadas registraram as diferentes denominações que essa língua recebeu dos estrangeiros ao longo dos séculos: *língua de Angola*, *língua angolense*, *língua bunda* e *Kimbundu*. As duas primeiras denominações identificavam a língua com referência à área então conhecida pelos europeus como Angola ou Costa de Angola e perderiam espaço à medida em que se expandiam as fronteiras dessa Angola sob domínio português para áreas em que outras línguas eram faladas. A denominação *língua bunda* tornara-se a predominante no século XIX na literatura portuguesa e estrangeira (CHATELAIN, 1888-89: xi), embora fosse “*quasi um termo obsceno na lingua que pretende designar*” (CHATELAIN, 1888-89: xi)⁸. Segundo Batalha, Chatelain foi o primeiro a defender o emprego de *quimbundo* para designar a língua, porque era essa a denominação que lhe era dada por seus falantes. Nas palavras de Chatelain,

Kimbundu [...] é o termo vernaculo, dizendo os pretos d’Angola, os **a-mbundu**: o kimbundu, em kimbundu, fallar kimbundu [...]. Os vocabulos **mu-mbundu**, *um preto* ou *uma preta*, **a-mbundu**, *pretos* ou *pretas* e **ki-mbundu**, *linguagem de pretos* constam de uma base commum **mbundu** e dos prefixos **mu-**, **a-** e **ki-**,

⁵ Em 2006, edição fac-similar da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; em 2010, edição por José Barbosa Machado (Braga: Edições Vercial); em 2013, fac-símile, edição e estudo por Maria Carlota Rosa (Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj).

⁶ Fac-símiles: Facsimile Publisher, 2015; Ulan Press, 2012; Nabu Press, 08/2011 e 11/2011; Kessinger Publishing, 04/2010 e 09/2010; uma não datada e sem local de publicação.

⁷ Fac-símiles da edição de 1888-1889: Scholar’s Choice, 2015; Kessinger Publishing, 2013, 2009 e outra s.d.; edição francesa pela Book on Demand Ltd, 2013.

⁸ E é termo empregado por Robert Cust na introdução mesma à gramática de Chatelain e em *A sketch of modern languages of Africa* (1863: II, 393).

significando **mu-** pessoa, **a-** pessoas e **ki-** linguagem.
(CHATELAIN, 1888-89: xi).

Às denominações que deveriam ser evitadas, Chatelain juntou *ambundo*, então em uso entre “*os brancos de Angola*”. *Ambundo* significaria “*os pretos, não sua linguagem*” e, assim como *bunda*, não era usada “*pelos indígenas que fallam a lingua em questão*” (CHATELAIN, 1888-89: xi). Passados mais de cem anos,

a utilização da palavra kimbúndù é uma realidade incontestada [...]tanto na designação de sua língua quanto de seu grupo étnico, em preferência sobre o termo ‘ambundo’ [...] o nome múmbúndù (singular de àmbúndù), em contrapartida, ainda é utilizado pelos falantes de quimbundo para designar qualquer homem negro africano, por oposição a mündélè, qualquer homem branco, seja ele africano ou não.

(XAVIER, 2010: 4).

Batalha (1891: 8) registraria ainda o emprego de *umbundo*, sublinhando, porém, que não se tratava da mesma língua e que essa denominação se referia às “*linguagens que se falam de Benguella até muito ao sul do Cunene*”.

A seleção de obras aqui apresentada — e a conseqüente delimitação do período — acompanha a transição de uma fase de forte influência da tradição gramatical greco-latina para uma outra, que procurava compreender a relação entre linguagem e evolução. A seleção de obras permite também perceber os caminhos da cristianização da África: processo inicialmente católico, com a missão subordinada à Coroa portuguesa por força de um conjunto de bulas papais e, mais tarde, diretamente ao Papa, que fazia chegar os primeiros capuchinhos ao Congo; a partir do final do século XVIII, torna-se marcante a presença protestante (PAWLIKOVÁ-VILHANOVÁ, 2007). Em termos bastante esquemáticos, o caminho indicado no *Quadro 2* (BONVINI, 1996b; PETTER, 2015, que remete o leitor a Bonvini⁹):

⁹ Petter (2015), em nota, no tocante à periodização, remete o leitor a curso ministrado na USP em agosto de 2010 por Emilio Bonvini.

Primeiras descrições de línguas africanas		
séculos XVI- -XVIII	fase católica e portuguesa	línguas africanas: instrumentos de salvação; modelo de descrição: latim (PETTER, 2015: 30)
século XIX	fase protestante e anglo-alemã	multidão de línguas: obstáculo à colonização; modelo de descrição: indoeuropeu (PETTER, 2015: 30)

Quadro 2: Esboço de periodização dos primórdios da Linguística Africana

Pedro Dias e Bernardo Maria de Cannecattim, respectivamente um jesuíta e um capuchinho, estavam ligados à Igreja Católica e a Portugal; Héli Chatelain, inicialmente missionário da Igreja Metodista Episcopal, mais tarde da *Mission Philafricaine*, exemplificou o crescimento do número de estudos linguísticos sobre línguas africanas ligados a missões protestantes no século XIX.

Desmond Cole associou a filiação missionária às diferenças no modelo descritivo. Para ele, a linguística missionária católica dos séculos XVII e XVIII, mais do que a linguística missionária do século imediatamente seguinte, crescentemente protestante, tratou as línguas de modo comparável à cama de Procrusto¹⁰ (“*procrustean linguistic methods*”). Em outras palavras: o latim, tal como a cama de Procrusto, era a medida a que todas as línguas deveriam adequar-se:

Most of the African linguistic work of the seventeenth and eighteenth centuries was done by Roman Catholic missionaries, particularly of the Jesuit and Capuchin Orders, and was characterized by what has been termed a ‘mediaeval Latin approach’ to the analysis and description of the languages. [...] the nineteenth century saw the advent of less procrustean linguistic methods, and of the new Protestant era which stimulated production of most of the work done since 1830. (COLE, 1971: 4)

No tocante às obras não missionárias do conjunto aqui focalizado, a aplicação às línguas africanas dos princípios estabelecidos nos estudos histórico-comparativos, o clima favorável a discussões acerca da evolução conduzem a uma nova fase na segunda metade do século XIX, aqui exemplificada com Souza e Oliveira & Francina e Ladislau Batalha.

¹⁰ Personagem mítico que matava suas vítimas ou pela amputação das partes do corpo que excedessem o comprimento de sua cama, ou, se fossem indivíduos pequenos, pelo estiramento longitudinal até que ficassem do comprimento da cama.

2. Em português sobre o quimbundo

O fato de essas obras estarem *em português* reflete uma linguística que emergiu do encontro colonial. No final do século XVI, em 1571, o rei D. Sebastião de Portugal concedia a Paulo Dias de Novais (ca. 1510-1589) “*trinta [e] çinquo legoas de terra na costa do dito Reynno dAngola, que começará no rio Quanza e agoas vertentes a elle pera o Sul e êtrará pella terra dentro tanto quãto poderem êtrar e for de minha conquista*” (BRÁSIO, 1953:III, 37). Com a contrapartida de ajuda na ocupação do território, Novais cederia terras e dízimos à Companhia de Jesus¹¹.

Impulsionada pela importância de Luanda como porto negreiro do Atlântico já no século XVII (ALENCASTRO, 2000: 288), a necessidade missionária da produção de materiais para o estudo de quimbundo ultrapassaria o pequeno território em que o quimbundo era autóctone e alcançaria o Brasil, destino de boa parte dos tumbeiros que de lá partiam¹² — pelo menos até 1831, quando da proibição da importação de escravos, processo que se intensificaria com o aumento de medidas de repressão ao tráfico em 1850¹³ e com a abolição da

¹¹ Brásio (1988: XV: 268): Carta de doação de Paulo Dias de Novais aos padres da Companhia (18-10-1581); também Brásio (1988: XV: 333-340), “Fundação de um colégio em Angola dos padres da Companhia (15-6-1593)” e Brásio (1988: XV: 368-373), “Informação do Reino de Angola e das suas minas de prata e sal (século XVI)”.

¹² Thornton (2010: 49): “*mais de 80% dos escravos que chegavam à América espanhola eram procedentes dos portos de Luanda e, em alguns anos, tal número chegou a 100%. Considerando-se que a remessa de escravos para a América Portuguesa envolvia tarifas mais baixas e menos problemas para os traficantes radicados na Angola, parece provável que o Brasil recebesse uma mistura similar de africanos escravizados. Uma série de conjunções, incluindo o fato de Pernambuco ter assumido o controle do contrato com Angola e as campanhas ativistas dos governantes angolanos, principalmente após o governo de Bento Banha Cardoso (1611-1615), culminaram em guerras portuguesas muito bem-sucedidas em Angola, bem como na escravização de milhares de pessoas, especialmente ao leste de Luanda, onde se falava Kimbundu. Esses angolanos se espalharam por algumas regiões das Américas, como a Bahia e Pernambuco, e pelas Américas espanholas, cuja prosperidade e produção favoreciam a importação de escravos*”.

¹³ Com a Lei Nº 581 de 4 de setembro de 1850, que se tornaria conhecida como *Lei Eusébio de Queirós*. Esse documento dispunha que “*As embarcações brasileiras encontradas em qualquer parte, e as estrangeiras encontradas nos portos, enseadas, ancoradouros, ou mares territoriais do Brasil, tendo a seu bordo escravos, cuja importação he prohibida pela Lei de sete de Novembro de mil oitocentos trinta e hum, ou havendo-os desembarcado, serão apprehendidas pelas Autoridades, ou pelos Navios de guerra brasileiros, e consideradas importadoras de escravos. Aquellas que não tiverem escravos a bordo, nem os houverem proximamente desembarcado, porém que se encontrarem com os signaes de se empregarem no trafico de escravos, serão igualmente apprehendidas, e consideradas em tentativa de importação de escravos*”.

escravidão em 1888. Por outro lado, na Angola oitocentista, entre aqueles que se reconheciam como *filhos do país* (RIBEIRO, 2012: 12-13; MARZANO, 2013: 13) — angolenses negros e mestiços que “*dominavam a língua portuguesa e outros códigos culturais europeus*” (MARZANO, 2013: 13) — criou-se um movimento de valorização da própria cultura e das línguas locais, que gerou dicionários, cartilhas e gramáticas para que essa população — escolarizada em português — estudasse formalmente sua língua. Para isto a introdução da imprensa em Angola em 1845 (MOSER, 1986: 290) foi fator relevante.

O português se difundira para além das fronteiras de Angola e em muitos lugares da África era uma língua franca, em especial por conta de uma elite luso-africana que começara a se formar no século XVII, em geral com o quimbundo como língua materna, situação que levou Heintze a concluir que

a difusão e o uso da língua portuguesa não constituíram um fenômeno isolado no interior do continente africano, assentando sim num contexto extremamente complexo. Integravam-se num vasto intercâmbio, em que os artigos de comércio importados e exportados estavam em primeiro plano, mas que, na realidade, era muito mais abrangente e que incentivou múltiplos processos de apropriação e inovação.

(HEINTZE, 2004-2005)

Houve quem revelasse seu desagrado com o emprego do português nessas obras. Foi o caso de Robert Cust (1821-1909), funcionário da administração colonial britânica e linguista (SMITH, 1885-1912), colaborador da *Church Missionary Society* e da *Society for the Propagation of the Gospel*, que, em pelo menos dois momentos, lamentou que essa bibliografia não estivesse escrita em “*uma das grandes línguas da Europa*”: no seu *A Sketch of the Modern Languages of Africa* (CUST, 1883: II, 394) e na introdução que escreveu para a *Gramática Elementar* de Héli Chatelain (1888-1889: v).

2.1. Em português para quem? A expansão do público-alvo

A defesa ou a crítica de estar *em português* levanta perguntas acerca de por quem essas gramáticas foram originalmente escritas e a que estudantes de quimbundo se destinavam.

No ambiente missionário, as línguas autóctones das colônias eram o instrumento “*para a conversão das almas*”; fora dele, seu aprendizado não despertava

muito interesse, não obstante a produção de listas de palavras e expressões tenha tido uso entre navegadores e comerciantes (AGWUELE, 2008:13-14). Mesmo para os companheiros na missão, no entanto, parece ter sido necessário explicar que convinha “*aprender las lenguas barbaras y peregrinas, à los varones Apostolicos que se emplean en sembrar la fê en las Regiones de los Infieles*” ([BATHE], 1611: fol.25) e que estudá-las não era “*tempo perdido, nem occupação escusada, antes muito necessaria*” (MAMIANI, 1699: ij-iiij) e que à salvação das almas somavam-se os interesses de Estado, como enfatizado por Canne cattim nas primeiras linhas do prólogo ao leitor de sua *Collecção de observações grammaticas*:

A Lingua comum de um Paiz, em que deve annunciar-se o Evangelho ao povo, que o habita, he manifestamente de absoluta necessidade ao exercicio, e progresso do Christianismo entre aquelle povo. *Mas se além disto se ha-de fazer uso da mesma lingua no manejo dos negocios politicos, na administração da justiça, e até nas deliberações, e emprezas militares, então o conhecimento deste Idioma vem a ser de summa utilidade ao Estado.*

(CANNECATTIM, 1805: I – ênfase adicionada)

Héli Chatelain estabeleceu para sua gramática um público potencialmente mais amplo que seu grupo missionário. Circulando entre a intelectualidade angolense da época¹⁴, Chatelain destinou seu trabalho também aos falantes nativos de quimbundo, como parte de um processo de valorização da própria cultura. Incluiu ainda um novo tipo de público, para o qual o século XIX via surgir uma nova palavra — os “*africanistas*”. Com Chatelain essa palavra¹⁵ ganhava emprego também em português.

¹⁴ É o que se desprende de vários registros: Cordeiro da Matta (1857-1894) dedicou a Chatelain sua *Cartilha Racional para se aprender a ler o Kimbundu (ou língua angolense)*. A relação entre Chatelain e outros intelectuais pode ser inferida da informação em Moser (1986: 294) sobre uma carta de Chatelain reproduzida por Cordeiro da Matta: “*The introduction to Mata’s book of Kimbundu proverbs, Filosofia popular [em provérbios angolenses – MCR] (1891), contains under the significant heading “Angola’s need for a literature of her own”, the transcription of an important letter from Chatelain, where the missionary called on Mata and others—Neto (Alfredo de Sousa Neto), Lino (Lino M. de Sousa Araújo, Director of O Cruzeiro do Sul, Luanda, 1873—1878 [?]), Pinho (João Ignácio do Pinho, a Kimbundu scholar) and Luís Bastos (Luís Moreira Bastos?)—to collaborate in developing the nascent Angolan literature*”.

¹⁵ Para o inglês *africanist*, o dicionário Merriam-Webster *online* indica que o uso conhecido mais antigo data de 1852. Para o português, o dicionário Houaiss registra 1899 como primeira atestação, tendo por fonte o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo. A atestação da palavra em Chatelain recua o registro mais antigo em 10-11 anos.

Ao findar o século XIX e já após a Conferência de Berlim (1884-1885) ganham peso as questões de Estado no estudo de línguas africanas. Ladislau Batalha distinguia a nova fase da anterior:

a preocupação que levava os antigos religiosos a estudar a língua de Angola, era toda religiosa. Não visava á solução dos importantes problemas de colonisação e ethnographia. O seu principal objectivo era dominar a consciencia dos indigenas, reduzindo-os á obediencia pelo temor das penas do inferno e outros da velha theologia e casuistica.

(BATALHA, 1891: 5)

A etnografia seria o caminho para compreender um povo; a linguística, o instrumento para tal. Essa proposta está traduzida na epígrafe de *A língua de Angola*, numa citação do Major Henrique de Carvalho (1843-1909), o mesmo da expedição ao muatiânvua¹⁶: “É a linguistica o principal instrumento de investigação, de que tem de se munir quem tente resolver os principaes problemas de ethnografia d>um povo” (In BATALHA, 1891: 3).

¹⁶ *A Descrição da viagem á Mussumba do Muatiânvua*, de Henrique Augusto Dias de Carvalho (1843-1909) foi publicada em quatro volumes entre 1890 e 1894; narra a expedição que partiu de Luanda para a residência dos reis (*Mussumba*) da Lunda. Está disponível no site Smithsonian Libraries <<https://library.si.edu/digital-library/book/descripcao-da-viagem-mussumba-do-muatiانvua>>.

2.2 *Escrito por quem? Missionários e não missionários*

Estamos diante de uma bibliografia escrita por falantes não nativos. À exceção de Manuel Alves de Castro Francina, para os demais autores das cinco obras o quimbundo era uma língua estrangeira que aprenderam já adultos.

Pedro Dias (?1621-1700) nasceu em Portugal¹⁷ e veio ainda jovem para o Brasil. Aparentemente nunca esteve em Angola¹⁸ e não era falante nativo de quimbundo. O que teria descrito? Fernandes (2015: 57) comenta:

nos últimos tempos um grupo de bantuístas liderados por Jean-Pierre Angenot e Vatomene Kukanda, estão estudando os 9 dialetos do Quimbundo (Mbaka, Ntemo, Puna, Jinga, Kadi, Mbamba, Sende, Dembo e Lwangu) e concluíram que a língua da *Arte* de Dias é uma variante dialetal, isto é, o subdialeto Kahenda do Mbaka, dialeto do Quimbundo, falado nos subúrbios da missão jesuítica de Cahenda, que ficava perto de Ambaca, hoje localizada na província do Cuanza-Norte de Angola, de onde seria natural Miguel Cardoso, que supervisionou a obra (ANGENOT, KEMPF e KUKANDA, 2011, p. 233).

O problema maior é que a missão de Santo António de Cahenda estava sob a tutela dos Capuchinhos e não propriamente dos Jesuítas (ver, por exemplo, BORTOLAMI, 2012, p. 104; AZEVEDO, 2000, p. 56) e nem António Brásio, CSSp (1906–1985) nem Francisco Rodrigues, S. J. (1873–1956) referem qualquer colégio jesuítico lá. Por outro lado, Serafim Leite, S.J. (1890–1969)(1940, p. 258) refere explicitamente que Miguel Cardoso era natural de Luanda e entrou na Companhia de Jesus no Brasil, no Colégio da Bahia, em 1674, quando tinha 15 anos de idade. Por isso, não parece provável que Miguel Cardoso falasse o

¹⁷ Há poucas certezas sobre parte da vida de Dias: “Nasceu em 1621 (Barbosa Machado, 1752: III, 575) – ou em 1622 (Leite, 1938-1950: VIII, 199) –, em Gouveia (Sommervogel et alii, III: col. 41; Leite, 1938-1950: VIII, 199; também Leite, 1953: 162), ou Viseu (Silva, 1858-1923: VI, 402), ou na Vila de Gouveia do Bispado de Viseu (Barbosa Machado, 1752: III, 575). Morreu na Bahia em 25 de janeiro de 1700. Não se sabe quando veio para o Brasil, mas em 13 de julho de 1641 entrou como noviço na Companhia de Jesus – na Bahia (Sommervogel et alii, III, col. 41; Barbosa Machado, 1752: III, 575) ou no Rio de Janeiro (Leite, 1938-1950: VIII, 199; também Leite, 1953: 162)” (ROSA, 2013: 23).

¹⁸ Rosa (2013: 24): “Não se sabe quando aprendeu a língua de Angola, “mas já a sabia em 1663” (Leite, 1938-1958: VIII, 199), “sem jamais haver pisado em terras angolanas” (Reginaldo, 2005: 36n81). Seu conhecimento teria sido adquirido no contacto com “colegas missionários em Angola, e escravos falantes de kimbundo, com os quais conviveu no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia” (Reginaldo, 2005: 36n81 – na mesma direção, Bonvini, 2008: 35; Alencastro, 2009:22), que lhe serviram de consultores”.

subdiaeto Kahenda-Mbaka mas, eventualmente, o dialeto Akwa-Loanda falado em Luanda no século XVII.

Dias assinalou a existência de variação entre os Ambundos:

Deve-se notar, que as ditas particulas custumaõ muitas vezes usar dellas os Ambundos, pondo hũas por outras, por causa das variedades das linguas Angolanas. Mas sempre fazem o mesmo sentido; porque não variaõ totalmente a sustancia dos nomes, & verbos, ainda que o idioma não fique muy culto.

(DIAS, 1697: 10)

Dias também observou que o uso entre os línguas peritos nem sempre era concordante:

Os linguas peritos trocaõ hũas particulas por outras, porque as taes particulas não mudaõ o sentido da oraçaõ; porèm nunca já mais poem as particulas do plural no singular, quando querem significar qualquer cousa singular.

(DIAS, 1697: 36).

Ambas as obras de Dias assinalam a variação, mas deixam no ar mais perguntas. Em primeiro lugar, os línguas peritos (ou intérpretes) a que se refere, que trocavam partículas, falavam uma língua franca? Essa pergunta parece ganhar respaldo quando se vê o comentário de David Livingstone (1813-1873) de que “*in passing from one tribe to another, it was only necessary to know one Language*” (in CUST, 1883: II 316).

Em segundo lugar, a variação entre os Ambundos leva a perguntar que elementos faziam parte desse universo de falantes, uma vez que autores diferentes faziam uso diverso desse vocabulário. Cust (1883:II, 395), por exemplo, refere o emprego dessa denominação por Livingstone de modo possivelmente divergente do seu próprio (“*However there is an uncertainty whether Livingstone meant the Am-Bunda, called by me Nano of Benguela, or the Bunda of Loanda*”).

Diferentemente de Pedro Dias, o capuchinho Bernardo Maria de Canne-cattim (1749-1834) viveu em Angola por bom tempo. Estaria pelos 29 anos quando desembarcou em Angola, em 1778 (CUVELIER,1951: 133) ou 1779 (SACCARDO, 1983, como citado em BOSTOEN & SCHRYVER, 2015:155). A julgar

pela afirmação de que lá permanecera por 21 anos¹⁹, teria retornado a Lisboa em 1799 ou 1800. Informação em Gonçalves (2016), no entanto, parece contradizer tanto 1799 como 1800 como o ano de retorno de Cannecattim a Lisboa, uma vez que parece ainda estar em África cerca de cinco anos mais tarde:

Em 1804, carta de “José Maria de Florença, Capuchinho e ex-missionário de Angola, Superior dos Regulares do Asilo de Lisboa ao Arcebispo de Nísibe [Mon-senhor Lourenço Caleppi], Núncio Apostólico” refere Fr. Bernardo Maria como “missionário em Angola e Congo” (Franco, 2011, I: 145). Outra carta, de 25 de março de 1804, informa que o religioso é “missionário apostólico” e também “Prefeito das missões de Angola e Congo” (Franco, 2011, I: 146). (GONÇALVES, 2016:4)

É como “*Capuchinho Italiano da Provincia de Palermo, Missionário Apostolico, e Prefeito das Missões de Angola, e Congo*” que o apresenta o rosto da edição do *Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza, e latina*, de 1804. No ano seguinte, porém, o rosto da *Collecção de observações* traz uma alteração: “*Capuchinho Italiano da Provincia de Palermo, Missionário Apostolico, Ex-Prefeito das Missões de Angola, e Congo, e Superior actual do Hospício*²⁰ dos Missionarios Capuchinhos Italianos de Lisboa”. Carta de 23 de abril de 1806 se refere a Cannecattim como “*Superior do Hospício dos Capuchinhos italianos de Lisboa*” (FRANCO, 2011, I: 147). Em 1810 é referido como Superior dos Missionários Capuchinhos Italianos^{21,22}. Em

¹⁹ Cannecattim (1805: v): “*guiando-me unicamente a prática, e experiencia de vinte e hum anno, que tanto tempo habitei entre os Abundos do Reino de Angola*”.

²⁰ Nesse contexto, *hospício* tinha significado diferente do atual, como notou Muguras Constantinescu (como citado em VILLELA, 2015:7): “*O termo “hospício” (do latim clássico hospitium, ‘hospitalidade’ e concretamente ‘pousada hospitaleira’) é derivado de hospes (“hóspede”), estando portanto no centro mesmo do campo semântico da noção de ‘hospitalidade’. Hospitium assumiu, em latim medieval, entre outros, o valor de “lugar de um mosteiro onde se recebem hóspedes”.* “*Hospício*” significa, primeiramente, em geral e abstratamente ‘refúgio’ em ‘prender [tomar] hospice’, ‘donner [dar] hospice’, assim como ‘lugar de asilo’ e, na segunda metade do século XVII, ‘hospício’ começa a se aplicar a uma casa, num convento, que recebe os estrangeiros da ordem, [...] os peregrinos, os viajantes”.

²¹ BELLOTTO & DIAS (2011:128): “*1810, Outubro, 22, Lisboa ATESTADO do superior dos missionários capuchinhos italianos, frei Bernardo Maria de Cannecattim, concedendo licença ao frei Antônio da Costa Cosseine para pedir passaporte para tornar as suas missões na Ásia. AHU_ACL_CU_035, Cx. 21, D. 1684*”.

²² BELLOTTO & DIAS (2011:491): “[ant. 1810, Agosto, 13, Lisboa] REQUERIMENTO do superior

1818 encontramos Canneccattim como Procurador dos Missionários Capuchinhos Italianos em Portugal em duas solicitações ao rei para obter a concessão de passaporte e esmola para viajarem a Pernambuco os frades Jesualdo Maria de Florença e Joaquim de Afragola. Com a extinção das ordens religiosas e o fechamento de suas casas em Portugal pelo decreto datado de 28 de maio de 1834²³, Canneccattim e os demais capuchinhos da casa de Lisboa tiveram de deixar Portugal. Canneccattim morreria antes de o navio zarpar do porto de Lisboa (CUVELIER, 1951: 134).

O conhecimento adquirido na permanência de cerca de duas décadas em Angola lhe permitiu escrever, além da *Collecção de Observações* sobre o quimbundo, de 1805, o *Diccionario Abreviado da Lingua Congueza*, que se segue às *Observações* no mesmo volume, em que procurava demonstrar a semelhança entre ambas as línguas, porque “*a lingua Bunda tem grande afinidade com a do Congo, e tanto, que ambas parecem ser filhas de huma mesma Mãe*” (CANNECATTIM, Prólogo Ao Leitor, 1805: xii)²⁴. Escreveu ainda o *Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense explicada na portugueza, e latina*, publicado no ano anterior, em 1804.

Héli Chatelain (1859-1908) nasceu na Suíça, mas em 28 de fevereiro de 1891, aos 32 anos, viria a adquirir a cidadania norte-americana (MOSER, 1983: 518). Estava com 25 anos quando se reuniu à missão metodista do Bispo William Taylor (1821-1902)²⁵. Estudar línguas era uma de suas funções na missão: “*My duty was to acquire the languages, impart them to the missionaries, and prepare*

dos missionários barbadinhos italianos, frei Bernardo Maria Canecattim, ao príncipe regente [D. João], solicitando passaporte para qualquer porto do Brasil ao padre frei Francisco José de São Sebastião”.

²³ “*Artigo primeiro. Ficam desde já extinctos em Portugal, Algarve, Ilhas adjacentes, e Domínios Portuguezes todos os Conventos, Mosteiros, Collegios, Hospícios, e quaisquer casas de Religiosos de todas as Ordens Regulares, seja qual for a sua denominação, instituto, ou regra*”. O decreto aplicava-se às ordens religiosas masculinas, mas as femininas já haviam sido afetadas por decreto do ano anterior (VILLARES, 1995).

²⁴ Na tentativa de demonstrar a qualidade da língua que descreve, Canneccattim afirma que “*a lingua Bunda tem regularidade, e abundancia mui comparavel ás linguas cultas da Europa*” (p. xix-xx), além de compará-la ao hebraico: “*He notavel na lingua Bunda, que aquillo, que na maior parte dos Idiomas se distingue pelas terminações, ella o dá a conhecer, não por estas, mas sim pelas letras, ou syllabas iniciaes, como succede no singular, e plural dos nomes, e nas diferentes vozes, e inflexões dos verbos. Neste particular se assemelha a lingua Bunda primeiramente com a lingua Hebraica, chamada a lingua Santa*”.

²⁵ Segundo (DUIGNAN & GANN, 1984: 168), o Bispo Taylor fora designado em 1884 Bispo Missionário Metodista para Toda a África.

grammars, vocabularies, translations, and other elementary books needed by missionaries in the course of their labors” (CHATELAIN, 1894a: v). Chegava a Luanda pela primeira vez em 20 de março de 1885 (CHATELAIN: 1894a: v; TAYLOR, 1888: 279). Deixaria a missão dois anos mais tarde, em 1887, estabelecendo seu próprio projeto missionário, a *Mission Philafricaine* (DUIGNAN & GANN, 1984: 169). Permaneceria em Angola até março de 1888, quando voltaria à Suíça para restabelecer a saúde (CHATELAIN, 1894a: vi). Retornaria a Angola como filólogo em outubro de 1889, na Expedição Científica dos Estados Unidos à África Ocidental (CHATELAIN, 1894a: vi), permanecendo até junho do ano seguinte. Retornaria como Agente Comercial dos Estados Unidos em junho de 1891 (CHATELAIN, 1894a: vi), permanecendo até outubro de 1892. Retornaria mais uma vez em setembro de 1897 e ali permaneceria por mais dez anos, até agosto de 1907 (MOSER, 1983: 517-518), retornando à Suíça, onde morreria no ano seguinte, aos 49 anos.

Em 1885 e 1886 Chatelain não pôde aplicar-se ao estudo de línguas em razão de dois obstáculos de tipo diferente. Um deles, que afetava a todos os membros da missão do Bispo Taylor, era o ter de prover o próprio sustento²⁶, situação criticada à época: por exemplo, na introdução de Robert Cust à gramática de Chatelain (“*though I, as critical observer of Missionary methods, cannot approve of the method of this Self-supporting Mission*” – p. vii), mas também na nota *Missionary Support in Angola*, publicada no periódico metodista *Gospel in All Lands* (SMITH, ed., 1888:219). O outro obstáculo seria a saúde, fragilizada no ambiente africano, como ele próprio relata:

During the first two years spent at Loanda the necessity of supporting myself and the station by means of tuition, which had to be given in the Portuguese tongue, added to chronic dysentery and fevers, left me practically no time for the study of the native language. But I was compelled to master Portuguese, which in Angola is indispensable for dealing with the educated classes, and is always of utility in intercourse with common natives.

(CHATELAIN, 1894:v)

²⁶ DUIGNAN & GANN (1984: 169): “*Chatelaine’s [sic] activities were handicapped by the needs of the self-supporting scheme, but he managed to prepare a dictionary and grammar of the Kimbundu language, translate a gospel into that tongue, and make a scientific study of some of the Angolan folklore*”.

Seu relato não permite perceber a gravidade do estado a que chegara, revelada numa nota publicada no periódico *The Missionary Herald* em outubro de 1885 (vol. 81 (10): 383 - Editorial paragraphs):

Letters from Mr. Walter at Benguela, West Africa, refer to the death of some, and the serious sickness of others, of Bishop Taylor's party now at St. Paul de Loanda. One of the party, Mr. Chatelain, had come to Benguela, being, as was supposed, in a dying condition, but after careful nursing by Mr. and Mrs. Walter, he recovered and was about to return to Loanda .

O período de restabelecimento na casa da mãe na Suíça, em 1888, coincidiu com boa parte das publicações de Chatelain sobre o quimbundo: não apenas a *Gramática elementar*, mas também uma cartilha²⁷, *Karivulu pala Kurilonga Kutanga Kimbundu* [‘livrinho para aprender a ler quimbundo’], um catecismo e a preparação de um dicionário (CHATELAIN, 1894a: vi).

Apenas no terceiro ano Chatelain pôde estudar mais, já então não em Luanda, mas no interior, em especial em Malanje: “*I had better opportunities for linguistic studies, although the necessity of teaching in Portuguese still left me only a few late hours of the night for the record of daily observations*” (CHATELAIN, 1894: v). Ao final deste período considerava ter reunido “*cerca de três mil palavras, descoberto as principais regras da fonologia, morfologia e sintaxe do Ki-mbundu*” (CHATELAIN, 1894a: v-vi). Além da recolha de contos populares de Angola (*Folk-tales of Angola*, 1894), Chatelain também preparou a edição de *Bantu notes and vocabularies*, vocabulário de várias línguas bantas com material que o colega William Richard Summers (1855-1888) lhe deixara ao morrer. Como Chatelain, Summers fazia parte do grupo de cerca de 40 missionários chegados a Luanda em 1885 (CHATELAIN, 1893b: 526-527; 529).

Chatelain tinha como línguas nativas o francês e o alemão e dominava seis outras antes da vivência na África – inglês, italiano, espanhol, grego, latim e hebraico (CUST, 1889: v). Segundo Moser (1983:517), Chatelain começou a estudar quimbundo (e também português, suaíle e zulu) a bordo do navio que o levou de Lisboa para Luanda como participante do projeto missionário do Bispo Taylor na primeira das viagens que faria para Angola. Para escrever as obras

²⁷ Sem local nem data. Para uma lista das obras ver Starr (1908: 31-32).

sobre o quimbundo Chatelain contaria com um informante de nome Jeremias²⁸. Birmingham (2006: 36) parece atribuir a autoria das obras linguísticas a ambos:

When Chatelain reached his final destination near Malange, he set about recruiting the services of a cobbler's son, Jeremiah, to be his linguist informant. Over the next dozen years the two men produced grammars and dictionaries of the Kimbundu language, which were used not only in Christian missions but in the Portuguese colonial administration.

O brasileiro Saturnino Souza e Oliveira (1824-1871)²⁹ nasceu em Coimbra, quando seu pai era estudante nessa cidade de Portugal (BLAKE, 1902: VII, 199). Em 1847 defendeu a tese *Algumas reflexões sobre a séde das molestias* na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A folha de rosto desse trabalho informa que já era então “*Dr. em Medicina pela mesma Faculdade, Cirurgião Ajudante do 1º Batalhão de Fuzileiros, Socio da Academia Philomatica do Rio de Janeiro, e da Imperial Sociedade Amante da Instrucção*”.

Entre 1851 e 1852 Souza e Oliveira foi um dos editores do periódico semanal carioca *O Philantropo*, publicado entre 1849 e 1852. Nele publicou, em duas partes, o artigo “*Memoria sobre os meios de abolir a escravidão no Imperio do Brasil*”: na edição de 14 de março de 1851 ligava a chegada de navios negreiros às constantes epidemias nas cidades em que tais navios aportavam, uma vez que as más condições a bordo tornavam essas embarcações incubadoras de doenças (GUIZELIN, 2014); na segunda parte propunha um projeto de lei de extinção da escravidão no Brasil (BLAKE, 1902: VII, 199; KODAMA, 2008: 417; GUIZELIN, 2014). Para Guizelin (2016) foi a posição antiescravista de Saturnino que concorreu prioritariamente para que fosse nomeado Cônsul-Geral do Brasil em Angola, cargo que exerceu entre 1858 e 1860. Segundo Guizelin,

²⁸ Chatelain (1894a: vi-vii): “*A few days prior to my sailing once more for America, Jeremiah, my former pupil and friend of Malange, arrived at Loanda and volunteered to accompany me to Christendom. To him I owe the bulk of my tales and the best of them, as also much reliable information in regard to native beliefs and customs. A few of his stories were written on shipboard; the greater part were dictated, and subsequently type-written by him at Vineland, N. J., in 1890 and 1891*”.

²⁹ No rosto da tese seu nome aparece como *Saturnino Souza e Oliveira Junior*. A tese está disponível online, na *Biblioteca Virtual em Saúde – História e Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde*.

[e]ntre 1858 e 1860, período em que esteve à frente do Consulado-Geral do Brasil em Angola, Saturnino desenvolveu um verdadeiro serviço de inteligência e espionagem, juntamente com as autoridades colônias [sic] portuguesas e com o agente consular britânico em Luanda, sobre as atividades dos traficantes atuantes na costa atlântica da África.

(GUIZELIN, 2014: 13)

Sua atuação como diplomata está presente em documentos em diferentes tipos de impressos³⁰. Seria exonerado do posto em novembro de 1860 (GUIZELIN, 2016: 253), em consequência dos problemas com a Coroa portuguesa decorrentes do assassinato do príncipe do Congo Dom Nicolau de Água Rosada e Sardônia (FERREIRA, 2015: 194; GUIZELIN, 2016). A obra linguística de Saturnino é, portanto, posterior à chefia do Consulado-Geral, função que exigia dedicação exclusiva (GUIZELIN, 2014: 9). Coligiu, com base num glossário de João Vieira Carneiro, um *Diccionario da lingua nbundu ou ngolense, tomo 1, Nbundu para portuguez*, publicado em Luanda pela Imprensa do Governo em 1864.

O segundo autor dos *Elementos*, Manuel Alves de Castro Francina³¹ (fl. séc. XIX) era angolano. Francina é caracterizado como *filho do país* (VILLAS BÔAS, 2018: 94n246; BARBEITOS, 2005: 140). Teria sido educado no Brasil³².

Em 8 de dezembro de 1854 está presente ao *Auto de reconhecimento de preito e vassalagem* a D. Pedro V que Capita Munipolo, rei de Molembo, solicitava ao Governador Geral da Província de Angola através de seus embaixadores, assinando o documento como Oficial Menor da Secretaria do Governo

³⁰ Por exemplo, no *Boletim Oficial*, documento de 1858 (ANGOLA, PROVÍNCIA DE. 1864: 7, item 99) e no *Almanaque Laemmert* (1859: 185).

³¹ Numa página do Facebook intitulada *A Literatura Angolana* encontra-se a informação que teria sido colhida no *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, periódico a que não tivemos acesso: “*Manoel Alves de Castro, filho de Manoel do Nascimento e Oliveira, declara que, tendo um Primo com o mesmo nome, passa d’ora em diante a assignar-se Manoel Alves de Castro Francina. - Loanda, 17 de Junho de 1847*”. A página <https://www.facebook.com/literangola/posts/em-1865-o-boletim-oficial-do-governo-geral-da-prov%C3%ADncia-de-angola-anuncia-que-sa/1270077206439733/> está datada de 2 de abril de 2017. A informação também está presente em *Vinte anos decisivos da vida de uma cidade (1845-1864)*, de José de Almeida Santos, a que também não tivemos acesso.

³² Azevedo (2015: 84): “*Datam desta conjuntura inúmeras iniciativas com vistas à tornar inteligível a língua mbunda, como a publicação, em 1864, de uma gramática intitulada Elementos gramaticais da língua mbundu, formulada pelo brasileiro Saturnino de Sousa Oliveira e pelo “angolense” educado no Brasil Manuel de Castro Francina, que contaram, ainda, com a importante colaboração de José de Moraes Junior, nascido no Brasil e residente em Luanda*”.

(PORTUGAL, *Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Oficial*, 1867: I, 149-150). O *Boletim Oficial da Provincia d'Angola* (ANGOLA, PROVÍNCIA DE. 1864: 102, item 1678; PORTUGAL, *Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Oficial*, 1867: I, 658-659) o apresenta como “*oficial ordinário da secretaria do governo geral*” em nomeação datada de 1858 para reger a escola principal de Luanda por impedimento do professor que ocupava a cadeira. O *Relatório do Governador Geral da Provincia de Angola Sebastiao Lopes de Calheiros e Menezes referido ao anno de 1861*, apresenta Francina como tenente da 3ª Companhia do Batalhão de Voluntários de Luanda em documento de 8 de agosto de 1861 (1867: 128). Francina é o Oficial Maior interino da Secretaria Geral do Governo que serviu de intérprete na confirmação do *Auto de Submissão que fez o jaga de Cassange, Bumba Dia Quingudi*, em 26 de setembro de 1863 (Portugal, 1869: 254-255; ainda em Carvalho, 1898: 238-239; LEITE E VASCONCELOS, 1864: 116). Em 20 de fevereiro de 1865 permanecia Oficial Maior da mesma Secretaria (PORTUGAL, *Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Oficial*, 1867: II, 4).

Ladislau Batalha (1856-1939) se apresenta como professor de inglês na capa de “*A Inglaterra perante a civilização*”, de 1901. Essa parece ter sido apenas uma faceta de seus múltiplos interesses. Aprendeu quimbundo em Angola³³. Entre os trabalhos que compuseram a *Bibliotheca do Povo e das*

³³ Jacinto Rodrigues (s.d.): “*parte para S. Tomé e Príncipe em 1876. [...] Escreve de S. Tomé a Teófilo Braga, a 24 de Agosto de 1877, dizendo-lhe que está a preparar um livrinho sobre os costumes da Ilha. [...] Condoído com a miséria e a exploração dos serviçais, ou seja com a manutensão real da escravatura, mau grado as mudanças jurídicas, diante das anomalias existentes e face às dificuldades de fazer cumprir a lei aos roceiros, abandona a Ilha de S. Tomé. Segue para Luanda, mais ou menos escorraçado e perseguido, num pequeno barco. Porém, tal como o cônsul inglês em Luanda, David Hopkin, relatara em Junho de 1877 ao governador geral de Angola, a situação nesta colônia era péssima: a emigração de Angola para S. Tomé era “embarcada como rebanho” e na “pior das escravaturas”. Já nesta cidade, em contacto com o Dr. Alfredo Trony, Ladislau Batalha participa na redacção do “Jornal de Loanda” onde tentará denunciar as novas situações que encontra em Angola. Também aí viverá um relacionamento difícil com o governador. Experimenta, em seguida, partir para o interior de Angola, como comerciante e investigador. [...] Aprende kimbundo e estuda os costumes de Angola e a sua história. Sobre estes assuntos publicará livros na Biblioteca de Educação Popular. Acabará por abalar de Angola em condições confusas, atravessando o rio Cassai e dirigindo-se ao então recente “Estado Livre do Congo”. “Percorrida a região de Leopoldoville, já a jusante de Stanley-pool” desce cataratas e cachoeiras. Dirige-se à povoação de Boma e é salvo do cansaço e da miséria, por uma feitoria holandesa. Partirá então num baleeiro, em 1881, em direcção à América do Norte. E, nesta prodigiosa aventura que daria um filme, Ladislau Batalha, depois de percorrer os Estados Unidos da América, viaja ainda à Gronelândia e em seguida parte para o Japão. Cerca de 1884, voltará a África e viverá em Cabo Verde trabalhando no Consulado Francês. Vive com uma mulher*

Escolas, coleção de obras cunho enciclopédico e de muito baixo preço surgida em 1881, encontram-se cinco títulos de Batalha (*Quadro 3*) relativos à África, saídos entre 1889 e 1894 (vide NABO, 2012: 102-110):

Ano	Série	Número	Título
1889	21 ^a	164	<i>Angola</i>
1889	22 ^a	175	<i>Linguas d’Africa</i> http://purl.pt/17353
1890	23 ^a	177	<i>Costumes angolenses</i>
1891	25 ^a	193	<i>A lingua de Angola</i> http://purl.pt/17354
1894	25 ^a	198	<i>O continente negro</i>

Quadro 3 -Obras de Batalha na *Bibliotheca do Povo e das Escolas*

2.3. A recepção das obras

A facilidade de acesso às gramáticas na atualidade não encontra paralelo no passado. Cannecattim parece não ter tido contacto com a obra de Dias — afinal, o próprio Chatelain (1888-1889: xvi) reconheceu que a *Arte* de Dias era extremamente rara. Cannecattim atribuiu às suas *Observações* “o nome de primeira obra *Grammatical da lingua Bunda*” (CANNECATTIM, 1805: v). Chatelain conhecia a obra de Pedro Dias, mas informa na *Gramática* que a lera em cópia manuscrita (“*We have seen only a manuscript copy of this rare work*”, Chatelain, 1888-1889: xvi)³⁴. A raridade da obra também seria confirmada por Robert Cust (1821-1909), que a conhecia num manuscrito incompleto que pertencera a seu amigo sanscritista Arthur Coke Burnell (1840-1882), e que viria parar em suas

cabo-verdiana, de quem terá uma filha. De regresso a Portugal, por volta de 1890, sofrerá o desgosto de as ver morrer tuberculosas. Na altura em que escreve os romances, lecciona línguas em escolas livres de Lisboa e apoia o movimento operário, travando uma profunda amizade com Azedo Gneco, tipógrafo e célebre dirigente socialista”.

³⁴ Alfredo Troni (1845-1904), jornalista e escritor português, seria o dono do exemplar da *Arte* emprestado a Chatelain (1888-1889: xvi), como, segundo Basílio (in Baião, 1940: 79), também do catecismo de Pacconio & Couto que Chatelain refere. Nascido em Coimbra, Troni foi desterrado para Angola em 1873. Lá viveria até a sua morte. Não são situações mutuamente excludentes na sociedade angolense de então ter sido desterrado e ter desempenhado “*funções administrativas e políticas, exercendo a advocacia e o jornalismo, dedicando-se mesmo à exploração agrícola numa fazenda que vem a possuir na região de Cazengo*”. Troni fundou três jornais: o *Jornal de Loanda* (1878), *Mukuarimi*, (ou *linguarudo* em quimbundo) (1888) e *Concelhos do Leste* (1891). No primeiro deles Ladislau Batalha trabalhou como jornalista (Queiroz, s.d.).

mãos como presente de outro amigo (CUST, 1883: II, 393). Cust informava ainda da colocação à venda, em Paris em 1880, de um exemplar que pertencera ao egiptólogo François Chabas (1817-1882). Talvez fosse razão para a escassez de exemplares as restrições impostas ao material elaborado por jesuítas no período pombalino³⁵ — e da ordem para sua destruição³⁶. Canneccattim deixou claro, porém, que conhecia o catecismo do jesuíta italiano Francesco Pacconio (1589-1641), preparado postumamente para publicação pelo também jesuíta nascido e criado no Congo (THORNTON, 2014: 252) Antônio do Couto (1614-1666)³⁷, e o refere em três diferentes edições: a primeira, de 1642³⁸, o *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé*; a segunda, com a tradução latina do capuchinho Antônio Maria de Montepandone (1607-1687), publicada em Roma pela *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* em 1661; e ainda uma terceira edição, de 1784, também em latim, *Gentilis Angollae in fidei mysteriis eruditus*, publicada em Lisboa pela Tipografia Régia. Canneccattim deixou claro que a obra não lhe causara boa impressão (CANNECATTIM, 1805: iv-v) e avisava a seu leitor de que não se servira dela para compor a sua em razão dos “*gravíssimos defeitos*” de que estava repleta.

A crítica poderia fazer algum sentido se o capuchinho se referia ao *Gentio* como fonte de dados: o *Gentio de Angola* era um catecismo, que nas páginas iniciais apresentava 10 observações relativas às decisões ortográficas dos au-

³⁵ O Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), foi o equivalente a primeiro ministro do rei D. José I, de Portugal. O período pombalino é a designação que se dá aos anos em que reinou D. José, de 1750 a 1777.

³⁶ Como notou Zau (2011a), “*A 18 de Novembro de 1772, chegava a Luanda D. Frei Luís da Anunciação e Azevedo, na companhia do governador D. António de Lencastre, o qual levava instruções do Marquês de Pombal para proibir o uso do catecismo dos Jesuítas de 1642, em kimbundu, mandar recolher os exemplares impressos e manuscritos existentes, para remetê-los posteriormente para Lisboa*”. A destruição da produção bibliográfica dos jesuítas promovida pelo Marquês de Pombal encontra exemplo na carta de 22 de outubro de 1765, reproduzida em Verdelho (1982), do Juiz de Fora de Moncorvo, José Pereira da Silva Manoel, ao Diretor Geral dos Estudos, em que informava da ordem de busca aos livros e, uma vez encontrados, de queimá-los à porta de livreiros e contratadores de livros que os tivessem.

³⁷ Thornton (2012: 328 n. 30) aponta o padre Dionísio da Faria Barreto, nativo de quimundo, como aquele que teria composto o catecismo: “*The catechism was composed sometime around 1626 by the bilingual Mbundu, Dionísio da Faria Baretto [sic], and published by the Jesuit (born in São Salvador, Kongo) António do Couto [...]*”. Em obra posterior (Thornton, 2014: 252) apenas refere que esse padre acompanhou Pacconio na viagem a Ndongo em 1625: “*The presence of a theologically sophisticated native speaker of Kimbundu in the missionary team may explain both the quality of the language in the text and its syncretic character*”.

³⁸ Em Canneccattim, 1643.

tores para uma língua até então sem registro escrito e a como pronunciá-las. A tradução latina do capuchinho Antonio Maria e sua republicação no século XVIII aumentaram a obra de uma seção gramatical de pouco mais de uma página, inexistente na edição de 1642: *Articuli deservientes casibus nominum pro lingua Angolae* [‘os artigos que são regidos pelos casos dos nomes na língua de Angola’], com artigos e sua declinação, e ainda uma lista de numerais e sua tradução latina, além de marcas de passiva no verbo e outras observações rápidas.

Em *A língua de Angola*, Ladislau Batalha (1856-1939) demonstrava seu descontentamento com a *Arte*, que não se alinhava com a obra dos filólogos alemães de Oitocentos:

O P. Pedro Dias, trabalhador decidido, fez o mais que se podia fazer com os recursos de que lhe foi possível dispor no seu tempo. O latim era a língua predominante e a medida de saber de cada um. [...]

Pedro Dias obedeceu a esta corrente e referiu as suas observações do quimbundo às formas e typos latinos. Assim ele imaginou descobrir na língua de Angola casos, declinações, syntaxe equivalente, gerúndios, etc. Desconhecendo a existencia do ramo aglutinativo e a dependência e filiação que o quimbundo tem relativamente áquelle mesmo ramo a que pertence, não é dificultoso calcular a que erros foi conduzido na sua improba tarefa de conciliar o latim com a língua de Angola.

(BATALHA, 1891: 6-7)

Apesar de Dias (1697: 4) afirmar que “*Naõ tem esta lingua declinações, nem casos: mas tem sigular; & plural; verbi gratia. Nzambi, Deos. Gimzambi, Deoses*”, Batalha afirma que Dias “*imaginou descobrir*” casos e declinações no quimbundo.

Essa avaliação negativa é discordante daquela feita por Chatelain (1894: I, 23). Para este, a *Arte* de Pedro Dias era “*A very short, but pretty correct, sketch of Ki-mbundu grammar*”. Opinião semelhante em Bonvini (2008: 38), para quem Dias descreveu “*uma língua em sua integralidade, próxima da que é falada atualmente em Angola*”.

A dificuldade de acesso que havia em relação à *Arte* parece não ter existido em relação à *Collecção de Observações* e mesmo ao *Dicionário*, e as críticas às obras do capuchinho italiano acumularam-se no decorrer do tempo. Em 1864, cinco anos após a republicação da *Collecção de Observações*, o médico e diplomata brasileiro Saturnino de Souza e Oliveira deixaria a seguinte nota:

Ha impresso um trabalho igual do fr. Cannecatim, missionario italiano, o qual tem, para os conhecedores das linguas da provincia de Angola, muitas imperfeições, sobre tudo porque este autor confundio vocabulos de linguas differentes, como são as do Congo, de Angola e de Benguella. Isto bastaria para considera-lo imperfeito, alem de que contém muitas phrases abreviadas e dicções que o estylo tem modificado e feito variar dos preceitos geraes da lingua [...]. Demais o idioma nbundu de hoje tem variado um pouco, segundo affirmão os indigenas que melhor fallão, daquelle que se fallava ha 60 annos, quando Cannecatim colligio o dictionario que publicou, e por estas razões este terá, segundo creio, alguma utilidade. (SOUZA E OLIVEIRA, 1864: s.n. *Prólogo*)

No mesmo ano de 1864, nas páginas iniciais dos *Elementos Grammaticaes da lingua Nbandu*, “*resultado de cinco annos de meditação e de analyse da grammatica do Fr. Cannecatim*” com o “*proposito fazer-lhe annotações ou correções*” (SOUZA E OLIVEIRA & FRANCINA, 1864: iii), Souza e Oliveira & Francina punham em dúvida o conhecimento do capuchinho para levar a cabo uma descrição linguística, como questionavam também o conhecimento de quimbundo do religioso italiano, ao tecerem o seguinte comentário:

um frade, missionario italiano, de nome Bernardo Maria Cannecatim, compoz, e publicou em Lisboa, em 1805, uma grammatica da lingua ngolense com o titulo de *colleção de observações grammaticaes sobre a lingua ambunda*. Mas este homem, apesar da sua boa vontade e de ser o superior do Hospicio &. &., parece que não tinha habilitações sufficientes para tentar em tal trabalho: e, a julgar-se por alguns erros [...], pode-se concluir que elle muito pouco conhecia a grammatica latina. [...]

Parece tambem que este missionario esteve entre muitas tribus que fallavão idiomas diversos, que elle não distinguiu, por que confundiu na lingua nbundu, ou ngolense, muitos termos das do Congo, Benguéla e outras no dictionario que tambem coordenou. Quanto ao emprego das syllabas euphonicas, ou iniciaes (notavel especialidade das linguas africanas), elle nunca as percebeu: e, pelo que respeita ao estabelecimento de regras e preceitos especiaes da lingua nbundu, nada fez. Este mesmo compositor das *observações grammaticaes* fez um dictionario, no qual, além de se encontrar grande numero de vocabulos que não pertencem á lingua nbundu, mas a varias outras, encheu-o de phrases e de orações como se fossem vocabulos, o que fez tambem na observação em que tratou dos adverbios.

Por estas razões a gramática e o dicionário do frade Cannecatim nos parecem muito imperfeitos.

(SOUZA E OLIVEIRA & FRANCINA, 1864: xiv-xv)

Embora avaliasse a gramática e o dicionário de Cannecatim como “*credible productions, the result of personal local inquiries*”, Robert Cust entendeu que os problemas da obra não se limitavam à incapacidade de Cannecatim em perceber “*os princípios subjacentes a todas as línguas Bantu*”³⁹, mas também a diferenças no seu uso: “*his statements regarding the extent over which the Bunda Language was spoken require modification, as he does not distinguish betwixt those Countries where it was the sole Language, and those where it was spoken as a Language of Commerce concurrently with others*” (CUST, 1883:II, 394). Conclui dizendo que é necessário admitir que se precisava de outra gramática dessa língua.

Não seriam melhores os comentários de Chatelain sobre a obra do capuchinho, quer na introdução da *Gramática* (p. xvii – “*Pedimos pois aos senhores criticos, que para o futuro, contrariamente ao que teem feito até aqui, reconheçam a superioridade linguistica dos padres jesuitas sobre o frade capuchinho*”), quer nos *Folk-tales* (1894: I, 23):

BERNARDO MARIA DE CANNECATTIM. Dicionario da lingua bunda. Lisboa, 1804. Owing to its incorrectness, confused spelling, and erroneous renderings of words, this large dictionary, written by an Italian Capuchin, has never been of any use to students of Ki-mbundu.

(Same author.) Collecção de Observações grammaticaes sobre a lingua bunda. Lisboa, 1805. Second edition, 1859. This grammar is no better than the dictionary of the same author. Both works are far inferior to those of the seventeenth century.

³⁹ Cust (1883: II, 393-394): “*With all due respect to the Author, I cannot but feel that his Grammar and Dictionary were compiled at a period when sound Linguistic rules had not been laid down. How otherwise can be explained the resemblances which he finds in Bunda to Hebrew, and some of the Languages of Brazil, while he does not seem to have grasped the principles which underlie all Bantu Languages ? Indeed, he had no perception of the unity of the South African Family*”. Em outra parte da mesma obra, Cust (1883: II, 292) afirmava: “*Cannecatim in the Nineteenth Century acknowledges the existence of an extensive Alliteration, produced by what Europeans call Concord ; but he was unable to discover the principle itself, or the Rules for its application*”.

Ladislau Batalha também considerou falha a descrição linguística de Cannecattim:

Fr. Commecattim [sic] não reconheceu mais do que quatro classes, a que chamou declinações; isto é, para a formação do plural (porque não chegou a descobrir as outras variadas e complicadíssimas funções de cada classe) descobriu apenas quatro regras fundamentaes.

D'aqui proveiu a desharmonia que se acha em todo o seu aliás valioso trabalho, e a grande confusão orthographica que se nota através de seu estudo gramatical. Entre os muitos erros em que aquelle autor cahiu, sobreleva o de considerar o *ri*, prefixativo dos nomes, como partícula empregada *ad libitum*, por meras conveniencias de elegancia.

Da simples inspecção do quadro anterior se vê que *ri* é o prefixo que caracteriza a quarta classe quimbunda.

(BATALHA, 1891:22)

É também uma avaliação negativa aquela que se encontra em carta do professor de quimbundo⁴⁰ Pe. António Moreira Basílio (1871?-19--) ao Pe. Domingos Vieira Baião, datada de Mossâmedes⁴¹ em 16 de dezembro de 1940 (in BAIÃO, 1940: 73-80), na qual sublinha “*as [...] tolices do missionário capuchinho italiano, Fr. Bernardo Maria Cannecatim no Dicionário da lingua bunda [...] e na Colecção de observações gramaticais*”. Ou ainda em Gregeresen (1977a:94), que destaca as dificuldades de Cannecattim com o sistema de

⁴⁰ É o que se afirma neste excerto publicado no *Jornal de Angola* (Zau, 2011b): “*A escola de Intérpretes Eduardo Costa (ou curso de língua kimbundu), foi, oficialmente, inaugurada, no dia 17 de Julho de 1907, pelo príncipe real D. Luís Filipe de Bragança, que, nessa data, aportara a Luanda para a sua visita a esta cidade. Foi nomeado professor do curso de kimbundu, a 1 de Setembro de 1908, o P. António Moreira Basílio, um missionário que se destacou como estudioso e intelectual, não tendo, no entanto, deixado qualquer obra publicada*”. A indicação de que o Pe. Basílio era professor de quimbundo também pode ser encontrada na apresentação que o Mons. Manuel Alves da Cunha (1872-1947) faz da *Gramatica da lingua do Congo (kikongo) (Duas palavras*, em Tavares, 1915: xi).

⁴¹ Desde 1985 que *Moçâmedes* ou *Mossâmedes* passou a chamar-se *Namibe*.

classes nominais⁴². Cole (1971:4) parece apenas reportar avaliações de outros estudiosos⁴³.

Essas avaliações contrastam com as de alguns outros autores. O viajante inglês e escritor Thomas Edward Bowdich (1791-1824) dizia ser Cannecattim “*a man of very superior endowments*” e sua gramática, “*very complete*” (BOWDICH, 1824: 141). Para o historiador congolês N’sondé (2011:54) :

Il faut cependant attendre la fin du XVIII^e siècle et le début du XIX^e siècle pour que des travaux d’un niveau scientifique acceptable aboutissent, à commencer par ceux du capucin Bernardo Maria de Cannecatim, le plus complet et le plus novateur des premiers auteurs.

Bostoen & Schryver (2015:155) consideraram bom o conhecimento de quimbundo de Cannecattim, mas não o de quicongo: «*De Cannecattim was an Italian Capuchin missionary who worked from Bengo (about 25 km north of Luanda) from 1779 to 1800 (Saccardo 1983: 128). He had a good command of Kimbundu, the language he describes, but not of Kikongo*”. Mais moderada é a opinião de Bonvini (1996), que apresentou prós e contras ao trabalho do capuchinho. Ao mencionar a *Collecção de Observações*, indicou que era seguida por um *Diccionario Abbreviado da Lingua Congueza*, que incluiu “*os termos da Lingua Bunda, identicos ou semelhantes à Lingua Congueza*”, concluindo que:

Il s’agit d’un essai de comparaison lexicale entre le kimbundu et le kikongo. Le mérite de Bernardo Maria di Canecatti est d’avoir abordé le domaine lexical et avoir ainsi comblé, par son dictionnaire, une lacune des travaux du XVII^e siècle. Malheureusement, la qualité de ses travaux n’a pas dépassé celle de ses devanciers»

(BONVINI, 1996: 147).

⁴² Gregersen (1977a:94): “*Brusciotto’s grammar is sometimes contrasted, by way of tribute, which the analysis of much later grammarians such as Cannecattim who failed to untangle the noun class system of Mbundu as late as 1805, and Richard Burton, the famous explorer, who as late as 1860 labeled plural formation in Swahili as “artful”, “intrincated”, and “irregular”.*”

⁴³ Ao tratar do *Diccionario* de 1804 e das *Observações*, Cole (1971:4) reporta que “*both of which are considered to be linguistically inferior to the works produced by his seventeenth century predecessors*”.

Para o Pe. António Moreira Basílio (in BAIÃO, 1946: II, 75), a gramática de Chatelain “é ainda, e continuará por muitos anos a ser, creio eu, a melhor das gramáticas publicadas sobre o quimbundo”, obra “*indispensável*” (in BAIÃO, 1946: II, 76)⁴⁴.

Poucos parecem ter tido contato com o trabalho de Souza Oliveira & Francina. Cust tentara: “*I have tried in vain through my friend Vasconcellos D’Abreu of Lisbon to get a copy of a Grammar said to have been published at Loanda in 1864 by Souza and Alvez, the existence of which was certified to me in a letter from Schuchardt of Gratz*” (CUST, 1883: II, 394). Chatelain (1888-1889: xviii) lamentava que “*apesar dos nossos esforços, nunca nos foi possível obter ou mesmo ver um unico exemplar*”. Batalha conheceu a obra, mas ela não o impressionou:

Em 1864 sahiu a publico um livro de Francina, intitulado: *Elementos Grammaticaes da lingua bunda*.

N’elle pouco se adeanta: e, embora se tenha achado uma ou outra regra grammatical, no seu conjunto o livro molda-se ás formas e typos neo-latinos, não podendo por isso dar conta da mechanica e organização da lingua de que trata.

(BATALHA, 1891: 6)

Batalha revela ter em outra consideração o trabalho de Chatelain que, segundo ele, estava alinhado com a tipologia de Wilhelm Bleek (1827-1875):

Héli Chatelain publicou de 1888 a 1889 uma Grammatica elementar do Kimbundo, subordinada aos principios geraes de aglutinação, como systema a que pertence. Veiu ella lançar novas luzes sobre o mecanismo da linguagem Tu (Bantu) e confirmar algumas previsões de Bleek.

(BATALHA, 1891: 7)

⁴⁴ Por conta das informações do próprio Chatelain, o Padre António Moreira Basílio (1871? - 19--?) afirmaria em carta ao Padre D. Vieira Baião que “*a apresentação de uma joia de alto valor linguístico, como a gramática de Chatelain, a coberto de tão fraco dispêndio de energia própria, como ele afirma, sem ressalva de qualquer concurso alheio, que ele não se envergonha de calar, foi um autêntico roubo a descoberto*” (in BAIÃO, 1946: II, 78).

3. A exemplificação em quimbundo

No momento em que essa literatura gramatical começa a se constituir, ainda no século XVII, a organização da Companhia de Jesus e a ausência de uma ortografia do quimbundo convergem para influenciar o registro da língua em estudo. Os jesuítas de Angola e Brasil subordinavam-se à Assistência de Portugal⁴⁵, esta um agente do Padroado Real Português⁴⁶. Como muitos outros missionários, os jesuítas da Assistência de Portugal transformaram o alfabeto latino no seu instrumento para registro linguístico. Essa escolha trazia uma vantagem imediata: uma escrita alfabética permite ao leitor pronunciar qualquer sequência, independentemente de se entender o que se lê, desde que se dominem as correspondências entre grafemas e fonemas — que foram, então, tomadas como universais. Uma igreja universal forjava uma escrita universal, mas ao mesmo tempo essa escrita universal tomava as feições de diferentes Estados europeus.

“*O Pronunciar, & escrever he como na lingua Latina*”, afirmava o jesuíta Pedro Dias sobre o quimbundo. O latim já era, então, uma língua morta; assim, os padrões fonológicos do primeiro sistema de escrita do leitor acabariam por se impor na pronúncia desse latim (WALSH, 1996: 212). Por conseguinte, o mesmo alfabeto levaria, no latim, às mesmas correspondências entre fonemas e grafemas que eram aplicadas no português:

No período aqui focalizado, um dos pontos iniciais no estudo do latim era aprender a nomear as letras, uma vez que a letra era a unidade do primeiro nível da arquitetura gramatical, a Ortografia. A denominação das letras em latim não se afastava da nomeação em português (Rosa, 2012): “*A, Be, Ce, De, E, Ef, Ge, Ha, I, Kappa, El, Em, En, O, Pe, Qu, Er, Es, Te, V, Ix, Ypsilon, Zeta*” (Álvares,

⁴⁵ A Companhia de Jesus “*tinha como unidade administrativa a Província, conduzida pelo Superior ou Provincial*”; um grupo de províncias formava a Assistência (Faria, 2006). A Companhia chegou a ter cinco Assistências — Alemanha, Espanha, França, Itália e Portugal — até sua supressão no século XVIII. A *Assistência de Portugal* era constituída pela Província de Portugal, as províncias de Brasil, Goa, Japão e Malabar, e as vice-províncias da China e do Maranhão (SUITE DU RECUEIL, s.d.). A Missão de Angola estava subordinada à Província de Portugal.

⁴⁶ “*O direito do padroado consistia em um conjunto de privilégios eclesiásticos a ser exercido, usualmente, por uma ordem religiosa. Dentre estes privilégios constavam a nomeação de bispos e demais dignidades eclesiásticas e o direitos de recolher o dízimo dos fiéis*” (BRANDÃO, 2013). Ver Navarro (2008) para um panorama da implementação dessa nacionalização do catolicismo missionário.

1572: 46) . Dificilmente um estudante português distinguiria o <e> em <be>, longo, do <e> em <ef>, breve, uma vez que a duração não é e não era distintiva em português. Possivelmente, ressilabificaria as consoantes em coda, como em <ef>, , <en>, fazendo com que passassem ao ataque de uma nova sílaba, concomitantemente à inserção de uma vogal final.

(ROSA, 2016: 94)

O alfabeto latino nas missões da Assistência de Portugal ganhava os contornos da tradição ortográfica que se constituía para a língua portuguesa; afinal, se era “*produzido pelos Portuguezes, he Portuguez na escritura; que pode admitir a penna Portuqueza*”⁴⁷. Esqueciam-se as palavras de um outro jesuíta, que chamava a atenção para os problemas do aprendizado de uma língua a partir de uma escrita nunca pronunciada por um nativo: “*Pera apronunhação não basta saber a orthographia. he necessario ouuir as vozes, que se proferem, & a tentar como se proferem pellos que sabem bem fallar*” (ESTÊVÃO, 1640:4).

Ainda no século XVII, em 1622, o Papa Gregório XV (1554-1623) começaria a retirar o poder dos reis português e espanhol sobre as missões nas diferentes partes do mundo e criava a *Sagrada Congregação para a Propagação da Fé*. Em decorrência, em 1645 chegava ao Congo o primeiro grupo de missionários capuchinhos, agora subordinados à Santa Sé. Por cautela em razão da ainda recente independência de Portugal da Coroa de Espanha, a *Propaganda Fide* passou a dar preferência ao envio de missionários italianos para a região (GONÇALVES, 2008:7). O italiano Cannecattim deixaria no seu registro do quimbundo as marcas da escrita do português e do italiano:

Ha duas syllabas entre os Abundos, que tem huma pronuncia equivoca: porque humas vezes se pronunhação como em Portuguez, outras como em Italiano; para nós sabermos pois determinar devemos fixamente assentar, que o apostrofe, ou sinal posto sobre varias letras do Alfabeto dos Abundos, he que mostra a verdadeira pronuncia de varias syllabas, e faz com que a palavra sempre se conserve na sua propria natureza; por cujo motivo todas as vezes que as duas syllabas *c'i*, e *c'hi* não tiverem sobre a letra *c* o tal apostrofe devem-se pronunciar como em Potu-

⁴⁷ *Catecismo brasilico da doutrina christã : com o Ceremonial dos Sacramentos, & mais actos Parochiaes / composto por Padres Doutos da Companhia de Jesus; aperfeiçoado, & dado a luz pelo Padre Antonio de Araujo da mesma Companhia; emendado nesta segunda impressão pelo P. Bertholameu de Leam da mesma Companhia.* Lisboa: na Officina de Miguel Deslandes, 1686.

guez; pelo contrario todas as vezes que se encontrarem com o sobredito apostrofe se pronunciarão como em Italiano v. g. *Quicúcc'i* quanto? *C'hiámi* meu. Neste mesmo lugar deve-se fazer menção da syllaba *q'ui*, que sendo marcada como apostrofe, vale o mesmo, que a sobredita syllaba *c'hi*, e se deve pronunciar da mesma maneira, porém se escreve com diferentes letras por ser assim necessario v. g. *Q'uiátul* pouco.

(CANNECATTIM, 1805:2)

E de sons que não estavam no português:

O Alfabeto da lingua Bunda consta das mesmas letras, de que consta o da lingua Portuguesa: todas ellas se pronuncião da mesma fôrma, que em Portuguez excepto o *a*, *e*, *o*, *u* todas as vezes que forem feridos das letras *g'* e *h'*, e sobre estas houver algum apostrofe, ou sinal, que então se pronuncião differentemente que em Portuguez, isto he, gutturalmente v. g. *Mug'attu* a mulher, *Ag'attu* as mulheres. *H'úta* a espingarda, donde se collige que todas as vezes, que as syllabas *g'á*, *g'é*, *g'ó*, ou *g'ú* e *h'á*, *h'é*, *h'ó*, *h'ú*, se encontrarem notadas com o sobredito apostrofe se pronuncião differentemete que em Portuguez, igualmente a letra *i* to-//das as vezes que for ferida da letra *h'*, e sobre este houver o tal apostrofe, posto que se não pronuncie gutturalmente; com tudo tem uma pronuncia diferente da Portuguesa, e he, a que chamão *nazál* v. g. *Ih'h'i* que tem? por cujo motivo para se evitarem os muitos erros que nascem da má pronunciação das syllabas, deve-se ter todo o cuidado no *g'á*, *g'é*, *g'ó*, *g'ú*, no *h'á*, *h'é*, *h'ó*, *h'ú*, e no *ih'*, *h'i*, que com o sobredito apostrofe, ou outro qualquer sinal, tem uma muito diferente pronuncia, do que quando o não tem.

(CANNECATTIM 1805:1-2)

Souza e Oliveira & Francina pretendiam fazer correções ao texto de Canne cattim e tomaram decisões próprias:

Neste trabalho, longe de pretendermos estabelecer os preceitos orthographicos, apenas indicamos o que nos parece expressar melhor na escripta alguma coisa que os nossos ouvidos mais claramente tem percebido. Assim, por exemplo, sendo a syllaba = ca = , quando anteposta aos substantivos, a formação do diminutivo, e o termo = himbua = significando = cão = ; diz-se em nbundu = câmbua = para significar = cãesinho = ; parece que o melhor modo de

figurar a pronúncia da contracção de = cahimbua = que certamente existe, será escrever = ca'mbua .

(SOUZA E OLIVEIRA & FRANCINA, 1864: xi)

O alfabeto era o mesmo, mas nacionalizava-se, ao que se somavam as peculiaridades do autor. Baião (1946: 19) notaria que cada autor adotou “*o alfabeto que melhor lhe pareceu como mais conforme à ortografia usada em seu tempo*”. A falta de padronização traz à lembrança o exemplo já famoso do missionário William Ellis (1794-1872) sobre os topônimos grafados *Owhyhee* e *Otaheite*⁴⁸: à primeira leitura dificilmente conseguiríamos relacioná-los, respectivamente, com *Hawaii* e *Taiti* (ELLIS, [1827] 1917: 41)⁴⁹.

Quando os estudos comparativos começaram a focalizar as línguas da África e do Novo Mundo, a nacionalização das ortografias se mostraria um obstáculo mais perturbador, porque os pesquisadores necessitavam de recorrer a fontes de várias origens, como notou Cust (1883: I,11):

On the subject of spelling names it must be recollected that the information contained in these pages is drawn from English, French, German, Swedish, Finnish, Italian, Spanish, and Portuguese authors, and the great difference of rendering sounds in recording the most ordinary names in different Languages is well known. In my book on the “Modern Languages of the East Indies”, the Materials of which were drawn from many sources, I hesitated at bringing the names, gleaned from books in many Languages, to one Procrustes-bed, and some critics expressed dissatisfaction at this want of uniformity. In this book I have adopted one uniform system, and, whether it is good or had, at any rate it is intelligible, which is more than can be said for other systems. K will always stand for hard C, as in Kongo; an accent will call attention to the fact that a vowel is long, such as Káfir ; but where a name has an European origin or notoriety, no change is made, such as Capetown, Sierra Leóné, Zanzibár, Algiers, &c., &c.

⁴⁸ Ellis.[1827] 1917. *A narrative of a tour through Hawaii, or Owhyhee: with remarks on the history, traditions, manners, customs, and language of the inhabitants of the Sandwich Islands*. p. 42.

⁴⁹ Também nomes de figuras históricas podiam não ser facilmente reconhecidos: “*We have seen the name of Tamehameha, the late king, spelt in various publications twelve or fourteen different ways; and the same variety has also prevailed in other popular names, though perhaps not to an equal extent*” (ELLIS, [1827] 1917: 41)

A discussão se ampliaria, e o problema começaria a ser atacado de outro modo que não o emprego da ortografia do autor do trabalho. William Jones ([1788]), por exemplo, já chamara a atenção para o problema em *A Dissertation on the Orthography of Asiatick Words in Roman Letters*⁵⁰. Em 1848 a *Church Missionary Society* publicava a proposta do missionário James Frederick Schoen (1803-1889) e do Rev. Samuel Lee (1783-1852) de padronização do registro de línguas africanas: eram as *Rules for Reducing Unwritten Languages to Alphabetical Writing in Roman characters, with reference especially to the languages spoken in Africa*. Essas regras tinham como princípio geral — como já esboçado em Jones — o que poderia ser resumido como “*As vogais como no italiano; as consoantes como no inglês*” (GREGERSEN, 1977b: 423; BENDOR-SAMUEL, 1996:690), fixando valores para as letras do alfabeto latino, evitando dígrafos para a representação de um único som e fazendo largo uso do ponto subscrito: por exemplo, *ſ* para *j*; *ʃ* para *θ*; *ε* para *ε* (BENDOR-SAMUEL, 1996:690).

Em 1854, o diplomata prussiano Karl Bunsen (1791-1860) e a *Church Missionary Society* promoveriam uma *conferência alfabética* em Londres, na casa do diplomata. Resultaria dessa conferência o *Alfabeto Padrão* de Lepsius, publicado no ano seguinte e, revisto, em 1863, que não se tornaria universal: as missões católicas, por exemplo, nunca o aceitariam (IRVINE, 2008: 335)⁵¹. A gramática de Chatelain surge neste novo contexto. Chatelain (1893a: 307), em trabalho sobre a toponímia angolense, afirmava que lançava mão de uma ortografia fonética que despontava em Angola: “*Its novel feature is that all the names are carefully written as pronounced by the natives of Angola and*

⁵⁰ Jones ([1788]: 175) “*Every man, who has occasion to compose tracts on Asiatick Literature, or to translate from the Asiatick Languages, must always find it convenient, and sometimes necessary, to express Arabian, Indian, and Persian words, or sentences, in the characters generally used among Europeans ; and almost every writer in those circumstances has a method of notation peculiar to himself: but none has yet appeared in the form of a complete system; so that each original found may be rendered invariably by one appropriated symbol, conformably to the natural order of articulation, and with a due regard to the primitive power of the Roman alphabet, which modern Europe has in general adopted*”.

⁵¹ Irvine (2008: 335) reproduz em nota o comentário de um impressor da época, John Bellows sobre o Alfabeto Padrão de Lepsius: “*It requires nothing less for its accomplishment, than the revolutionizing of all the printing offices in the world; substituting for the roman alphabet, a system which makes each letter of that alphabet a sort of lay figure upon which to hang all kinds of hooks, and moons, and dots, and endless diacritical marks. As a practical printer, I feel certain that such a system cannot be carried out. . . . The universal adoption of the system of Professor Lepsius would necessitate the cutting, not a few hundred, but of many hundreds of thousands of new sorts of type!!!*”.

spelled in accordance with the phonetic orthography adopted in their rising literature". Sua *Gramática elementar*, porém, ecoa as "Rules" de 1848: "**Vowels: As in Italian or German [...]** **Consonants: b, d, f, g, h, k, l, m, n, p, t, v, z, as in English but unaspirated, except h**" (Chatelain, 1888-89: xxi)⁵²

Ladislau Batalha não fala sobre a ortografia, mas parece estar em acordo com Chatelain.

4. A referência aos falantes

Para um falante atual de português, ao menos no Brasil, chama a atenção o emprego de *preto* em lugar de *negro*⁵³ em alguns dos textos anteriormente referidos. O emprego atual, que trata os termos como sinônimos, quase nunca coincide com o uso que se encontra na documentação do período aqui focalizado.

Moura (2004: 288) nota que "*o termo 'negro' não servia para designar africanos [...] mas para denominar o indígena*" na documentação sobre a fase inicial da colonização do Brasil. Na documentação analisada por Alcântara Machado (1930), isto é, em "*inventários processados de 1578 a 1700*" do Arquivo do Estado de São Paulo, *negro da terra* refere o indivíduo de um povo originário do Brasil. Para o que atualmente chamamos *negro* aparece uma denominação com origem na língua geral, *tapanhuno*, ou, já no século XVII, *negro de Guiné*:

Tapanhunos, assim lhes [**aos africanos – MCR**] chamam os documentos coloniais. Em língua geral **tapuyna** significa "gente preta", em contraposição a **tapuytinga** ou "gente branca", nome aplicado aos europeus.

É em 1607 que aparece pela primeira vez um negro de Guiné. Estimam-no em quarenta mil-réis, soma exorbitante para a época.

(MACHADO, 1930: 137)

O dicionário de Raphael Bluteau (1638-1734) registrou um outro significado para *negro*: "*homem da terra dos negros*", com a remissão para a subentrada *Terra dos Negros* ou *Nigritas*: "*Na Libia Ulterior, he huma vastissima Região da Africa, entre o Zaara, & o Guiné*" (BLUTEAU, 1712-1728: v.5, 704). Ao final da subentrada, Bluteau detalha a região: "*Divide-se a terra dos Negros em*

⁵² Também nas *Bantu Notes* (CHATELAIN, 1893b: 529).

⁵³ Há mesmo a recomendação de uso: «*Negro – A maioria dos militantes do movimento negro prefere esse termo a "preto"*» (QUEIROZ, 2004).

algũas quatorze Provincias, ou Reynos, que saõ Gangara, Zanfara, Cassena, Zegzeg, Cano, Guber, Gago, Agades, Mandinga, Tombuto, Gualata, Terra dos Jalofos, & Melli” (BLUTEAU, 1712-1728: v. 5, 705). A localização da *Nigritas* assinalada por Bluteau reflete o conhecimento da época: sua descrição ajusta-se perfeitamente à região indicada num mapa contemporâneo, de 1729, do cartógrafo inglês Herman Moll (1654?-1732)⁵⁴. A referência a uma determinada região da África, habitada pela “*raça etiópia dos Nigritas*” é pelo menos tão antiga quanto Ptolomeu (ca. 90-168), que a situou na sua *Geografia* ao norte do rio Nigir⁵⁵ (PTOLOMEU, IV, 6 e a Quarta carta da Líbia)⁵⁶.

Richard Cust empregaria *negro* como designação aplicada a um tipo físico originário de uma área geográfica específica, ressaltando a diferença entre *preto e negro*:

It is often asked what Races are Negro, as the meaning of the term is not well defined. It ought to be remembered, that the word is not a National appellation, but denotes a physical type, of which the tribes in North Guinea are the representatives. When these characteristics are not all present, the Race is not Negro, though black, and woolly-haired. The Bantu, the Hottentot, the Ethiopian, and Nubian are not Negro. Yet sometimes the Moor of Shakespeare has been delineated as a Negro. Some Commentators declare that the Ethiopians of the Old Testament were Negro, and the people of North Africa with whom the Romans came in contact have been considered to be so also.

(CUST, 1878-1883: I, 53-54):

E assim a indicação de origem geográfica se torna também uma classificação linguística. Cust chama a atenção do leitor de que etnografia e linguística não são o mesmo: “*Care is taken to distinguish Ethnology from Language, as being quite distinct phenomena of the Human Race: in some cases the Race and Language coincide, in most cases they do not: of the great Bântu Race the tribes*

⁵⁴ Herman Moll, 1729. *Negroland and Guinea with the European Settlements, Explaining what belongs to England, Holland, Denmark, etc.* London: Thomas Bowles & John Bowles.

⁵⁵ Gerhard Mercator (1512-1594) e Ptolomeu (séc. II). *Africae quarta tabula*. Cologne: 1578; 1584. (Stanford Digital Repository, imagem em domínio público).

⁵⁶ As cartas de Ptolomeu ainda eram impressas no século XV. Schüler (2010: 30) apresenta uma edição desses mapas de 1486. Ao demonstrar ser possível contornar o Cabo da Boa Esperança, passando de um oceano a outro, a viagem do navegador português Bartolomeu Dias (1450-1500) tornaria obsoleta essa carta específica.

speak scores of different Languages and Dialects” (CUST, 1878-1883: I, 78). *Negro* é, para ele, uma designação primariamente geográfica, não linguística:

It is as well to define the word “Negro”. The Race by no means extends all over Africa: it is quite distinct from the Hamitic Berber and Ethiopic, though many of those Races are black, and from the Bantu, and Nuba-Fulah, though in a general way all are called Negro: the word is not a National appellation at all, but denotes the ideal type constituted by the assemblage of certain physical characteristics, which is exemplified in the Natives of Guinea in West Africa, and in their descendants in America and the West Indies. Where all these characteristics are not found, the African, though black, is not a Negro in the strict sense. The Race occupies a vast Region South of the Tropic of Cancer and North of the Equator, from the River Senegal on the West, Eastward to the Northern bend of the Upper Niger at Timbaktu, thence along the North Shores of Lake Tsad, skirting the Great Sahara, to the Basin of the Upper Nile as far as the Somerset Nile. Of its Southern limits in the Interior little is known, but on the West Coast it reaches down to the Kamerun Mountains. Thus the whole of the Basin of the River Niger is included in this Language-Field, and, as far as we know, the whole of the Basin of Lake Tsad. The Field of the Languages of the Nuba-Fulah Group, is often intermixed with that of the Negro, and in many tracts the Fulah and Negro Languages are spoken concurrently by the same population. The difference betwixt the Negro and the Bantu in character, habits, appearance and religious notions, and especially in Language, is very marked, and it would be impossible to treat them together, whatever theories may be formed of their origin.

(CUST, 1878-1883: I, 163-164)

Apesar do aviso ao leitor, ao adotar a classificação proposta pelo linguista austríaco Friedrich Müller (1834-1898)⁵⁷ e embora avisasse o leitor de que se tratava de uma classificação provisória, Cust empregaria *Negro* como designação linguística:

The Languages of Africa are provisionally divided into Six Families or Groups.

I. Semitic.

II. Hamitic.

⁵⁷ Cust (1883: I, 50): “*I have chosen the latter method, and rightly or wrongly adopted the six main divisions of F. Muller : but all my minor subdivisions are strictly Geographical, and I have worked out the details on my own responsibility, as I have had ampler Materials available than any of my predecessors*”.

III. Nuba-Fulah.

IV. Negro.

V. Bantu.

VI. Hottentot-Bushman.

(CUST, 1883: I,80)

O acúmulo de dados sobre línguas até então desconhecidas dos europeus permitiria procurar respostas para questões formuladas repetidamente sobre a natureza das línguas, sua diversidade, a possibilidade de um ancestral comum ou de vários. A comparação dos dados privilegiaria de um lado, o estabelecimento de relações entre línguas e povos com base na história; de outro, a busca de similaridades e de diferenças como elos numa cadeia de parentesco. No período aqui focalizado, as respostas caminhariam majoritariamente para a visão de uma organização hierárquica de línguas e, por extensão, de seus falantes.

4.1. *Uma classificação genética*

A consciência da diversidade linguística (e a própria criação de uma Europa) já tivera um primeiro momento com o fim do Império Romano, como assinalou Umberto Eco (1993: 18). Compatibilizar a explicação da diversidade com a narrativa bíblica foi tarefa a que se dedicaram vários estudiosos. Para Isidoro de Sevilha (560-636), por exemplo, a diversidade teria tido início com a destruição da torre de Babel; antes desse evento havia apenas uma língua para todas as nações: a hebraica.⁵⁸

A busca de uma língua ancestral, de onde derivariam as demais, é bem anterior ao século XIX, mas, como notou Davies (1998:44), não é correto dizer que antes do século XIX se considerava que todas as línguas tinham como ancestral o hebraico. Metcalf (1974: 236), por exemplo, demonstrou que já no século XVII era possível encontrar autores: a) estabelecendo noções como *família*, *língua-mãe*, *línguas irmãs* e mesmo a representação em árvore e seus ramos; b) levantando a hipótese de que a língua ancestral poderia já ter

⁵⁸ Isidoro (XX, livro IX):” *Linguarum diversitas exorta est in aedificatione turris post diluivium. Nam priusquam superbia turris illius in diversos signorum sonos humanam divideret societatem, una omnium nationum lingua fuit, quae Hebraea vocatur*” [‘A diversidade das línguas teve origem na edificação da torre após o dilúvio. Na verdade, antes que a soberba daquela torre dividisse a sociedade em diferentes sons com significado, havia uma língua para todas as nações, chamada hebreia’.]

desaparecido, uma vez que uma língua, como um organismo vivo, passava por diferentes fases ao longo do tempo.

Ainda no século XVIII, Hervás (1785: §196) informava que não trataria da questão que dividia suas fontes, sobre o hebraico ser ou não língua matriz⁵⁹. Assim, embora seja tratado como o marco inicial dos estudos comparativos o famoso *Discurso do Terceiro Aniversário, Sobre os Hindus* em 1786 na Asiatic Society em Calcutá — em que William Jones (1746-1784) assinalou a semelhança entre o grego, o latim e o sânscrito⁶⁰ — essa preocupação não brotava pela primeira vez naquele momento.

O acúmulo de dados sobre línguas desconhecidas dos europeus conseguido com os Descobrimentos não foi tão abundante para a África, como notou Hervás (1785: § 459) na edição italiana de seu *Catalogo delle lingue conosciute e notizia della loro affinità, e diversità*⁶¹. O interior do continente era praticamente desconhecido, situação que começaria a mudar ao longo do século XIX, mas ainda muito distante de um conhecimento minimamente satisfatório. Escrevendo para o *World's Congress of African Ethnology* realizado em 1893, Héli Chatelain afirmava que

[m]any important tribes and languages we do not yet know, and even in the case of the best known tribes the information we possess is rarely of a scientific character. As compared with the past, no doubt, knowledge is progressing with gigantic strides; but every new ray of light only makes us more palpably feel how dense is the darkness which still covers the greater portion of the continent. (CHATELAIN, 1894b: 289)

⁵⁹ Hervás (1785: § 196): “*Non voglio perora entrare nella quistione, se la lingua Ebraica sia Matrice della Siriaca, como provano Eusebio, Mariana, ed altri, o se la Siriaca sia matrice dell'Ebraica, come difendono Teodoro, ed Amira*”.

⁶⁰ Jones ([1786]1799:I,26): “*A língua sânscrita, seja qual for sua antiguidade, tem uma estrutura maravilhosa; mais perfeita que o grego, mais copiosa que o latim e mais delicadamente refinada que qualquer deles, partilhando com ambos, contudo, quer nas raízes dos verbos quer nas formas de gramática, uma afinidade mais forte do que poderia ter sido produzida por acidente; realmente tão forte que nenhum filólogo poderia examinar as três sem concluir que tenham surgido de uma origem comum, que talvez não mais exista. Há razão semelhante, embora não tão vigorosa, para supor que o gótico e o celta [...] tenham a mesma origem do sânscrito; e o persa antigo poderia ser adicionado à mesma*”.

⁶¹ Hervás informa que para suprir a escassez de informações sobre línguas da África escrevera para vários jesuítas portugueses e então descobrira que todos os missionários jesuítas na África estavam presos em Lisboa.

Como, resumir, então, o conhecimento sobre o mapa linguístico da África no período aqui focalizado?

A semelhança entre hebraico, árabe e aramaico já era conhecida havia muito tempo de estudiosos judeus e muçulmanos (RUHLEN, 1991:77). No século XVII Hiob Ludolf (1624-1704) assinalara a semelhança entre o gueês e o amárico (RUHLEN, 1991:77); antes, em 1650, Christian Ravis (1613–1677) também notara semelhanças em *A general grammar for the ready attaining of the Ebrew, Samaritan, Calde, Syriac, Arabic and Ethiopic languages* (GREGERSEN, 1977a: 94). Não obstante essa tradição, foi a August Ludwig von Schlözer (1735-1809) que se atribuiu o reconhecimento e a denominação da família semítica em 1781 (RUHLEN, 1991:77)⁶².

Em 1776 Liévin-Bonaventure Proyart (1743-1808) apontava a afinidade entre loango, kakongo e kongo na *Histoire de Loango, Kakongo, et autres royaumes d’Afrique; rédigée d’après les mémoires des préfets apostoliques de la mission française*, chamando a atenção para línguas que viriam mais tarde a ser reunidas sob o rótulo *banto*, criado por Wilhelm Bleek : vira semelhanças nos “artigos” (referência aos prefixos das diferentes classes nominais?) e nas raízes. Proyart levantava a possibilidade de uma dessas línguas ser a língua-mãe (PROYART, 1776: 171-172)⁶³; no entanto, a semelhança que encontrou entre algumas palavras dessas línguas e palavras gregas, latinas ou hebraicas (PROYARD, 1776: 172; 183-187) levaram o abade Proyart a levantar a possibilidade de um parentesco mais amplo, deixando a decisão para o “leitor instruído”.

Em 1808, Heinrich Lichtenstein (1753-1816) perceberia dois grupos linguísticos distintos no sul da África, que tratou como duas línguas com vários dialetos (GREGERSEN, 1977a: 97): distinguia o *hotentote*⁶⁴ (nama) do *cafre* (banto).

⁶² Diferentemente de Ruhlen e de Davies (1998:45), Bertil Malmberg (1991:353) afirma que o termo *semítico* teria sido proposto, sem sucesso, por Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e outros ainda no século XVII. *Semítico* viria a substituir a denominação *línguas orientais*.

⁶³ “L’idiome de Kakongo, le même à-peu-près que celui de Loango; n’Goio, lombá & autres petits Etats circonvoisins, diffère essentiellement de celui de Congo. Plusieurs articles semblables, & un grand nombre de racines communes, semblent cependant indiquer que ces langues ont eu la même origine; mais on ignore laquelle des deux est la langue mere”.

⁶⁴ Denominação abandonada pelo caráter pejorativo, porque originalmente relacionava os cliques com gagueira ou soluços.

Johann Christoph Adelung (1732-1806) não chegou a ver publicado o primeiro volume de seu *Mithridates oder allgemeine Sprachenkunde*⁶⁵ [‘Mitrídates ou linguística geral’], de 1806, sobre as línguas da Ásia. Johann Severin Vater (1771–1826) continuaria a obra, cujo terceiro volume, publicado em 1812, incluía a África. Adelung & Vater dividiram a África em três partes: o Norte, com o berbere; no Sul, bosquímano e hotentote; na África Central ficava o restante das línguas. Em 1826, Adrien Balbi (1782-1842) propunha uma classificação de todas as línguas africanas conhecidas — provisória porque reconhecia haver pouca notícia do interior do continente (ver *carta XVI*). Já relacionava o nama e as línguas dos bosquímanos (*Bosjemanns*) que apresentava como “*nation la plus sauvage et abrutie de l’Afrique méridionale*” (ver *item 288*).

Em 1854, o missionário alemão trabalhando para a *Church Missionary Society* Sigismund Wilhelm Koelle (1820-1902) publicava em Londres sua *Polyglotta Africana, or a comparative vocabulary of nearly three hundred words and phrases, in more than one hundred distinct African languages*, resultante de seu trabalho em Serra Leoa entre 1847 e 1852 — isto é, no momento em que se proclamava a independência da vizinha República da Libéria. Em Freetown, Koelle teve acesso a escravos libertos trazidos dos EUA, mas também àqueles capturados pela marinha britânica a bordo de embarcações. O levantamento de dados de tantas línguas permitiu a Koelle a postulação de onze grupos geneticamente relacionados e mais um décimo segundo, de línguas isoladas e não classificadas.

A metodologia empregada não ajudava muito a dirimir as dúvidas. Cust (1863: I, 94), tratando do Grupo Hamita, afirmaria que “*It cannot be safely asserted of all the Languages under this category, that they belong to one Family*”. Em seguida, demonstrava que se assumiu distingui-las do banto: “*It has been decidedly a step in advance to group all non-Semitic Languages with Grammatical Gender in the North and North-East of Africa together, and to divide them into three Geographical Sub-Groups. A. Egyptian. B. Libyan or Berber. C. Ethiopic*”.

Ruhlen (1991: 78) assinala que em meados do século XIX tornava-se comum reunir as famílias berbere, egípcia e cuchita num grande grupo, o *hamita* ou *camita*, e que por volta de 1860, em razão de se propor uma origem comum

⁶⁵ Autores da Antiguidade fazem referência ao antigo rei Mitrídates (134-63aC). Um desses autores é Quintiliano, na *Institutio Oratoria* (livro XI, II, 50): “*de quem se afirma que conhecia os vinte e dois idiomas, próprios das nações sobre as quais imperava*”. Daí terem sido intituladas *Mitridates* obras que focalizaram muitas línguas.

para essas línguas e as línguas semíticas, ambos os grupos seriam reunidos num grande grupo *hamito-semita*.

Dois autores seriam marcantes no final do século XIX: Karl Richard Lepsius (1810-1884) e Friedrich Müller (1834-1898). Para o egiptólogo alemão Lepsius (1880)⁶⁶, o território africano poderia ser dividido em três (Lepsius (1880: XVII-XVIII): *semítico* (*Semitische Sprachen*), *hamítico* (*Hamitische Sprachen*), e *negro proto-africano* (*Urafrikanische Negersprache*, que incluía o banto — *Bantu-Negersprachen* — e o negro misto — *Misch-Negersprachen*). O mapeamento era linguístico (a presença de gênero é um fator que o leva a colocar o hotentote entre as línguas hamíticas), mas também racial: no nível mais elevado estavam as línguas e povos hamíticas, ao Norte da África, de pele mais clara e com línguas consideradas mais sofisticadas e mais próximas das europeias (AGWUELE, 2008: 11).

A proposta de Müller seria revisada por ele mesmo mais de uma vez e, de acordo com Chatelain (1894: 290), seria aquela com maior penetração no mundo anglófono em razão da influência da obra de Robert Cust.

Ruhlen (1991: 79) ressalta que tanto Lepsius quanto Müller lançaram mão de critérios como cor da pele, tipo de cabelo e atividade de subsistência — critérios não linguísticos — na classificação das línguas. Lepsius adicionaria traços gramaticais, como ausência ou presença de gênero, desenvolvendo uma tipologia de que nada decorria.

O católico Hervás tentara compatibilizar sua visão da diversidade linguística com o episódio da torre de Babel (*Gênesis*, 11) — o que implicava a busca de uma língua primitiva única. As missões protestantes priorizaram a descendência de Noé — Sem, Jafé e Cam — responsáveis pelo povoamento do mundo (*Gênesis*, 9-10). Jafé⁶⁷ teria dado origem aos europeus (“*a dispersão nas ilhas das nações*” é interpretada como a região do mar Mediterrâneo); Sem, aos semitas; o amaldiçoado Cam⁶⁸ e sua descendência povoariam a África⁶⁹.

⁶⁶ Data da publicação de *Nubische Grammatik mit einer Einleitung über die Völker und Sprachen Afrika's* [‘gramática do núbio com uma introdução sobre povos e línguas da África’].

⁶⁷ As denominações *jafética* e *ariana* perderiam lugar para *indo-germânica*, denominação criada por Conrad Malte-Brun em 1810 e *indo-europeia*, proposta por Thomas Young em 1813.

⁶⁸ O mais novo dos filhos de Noé, Cam, viu o pai bêbado e nu; seus irmãos, sem olhar para o pai, cobrem-no. Ao acordar, Noé amaldiçoa Cam, destinando-o, como também sua descendência, a ser escravizado pelos irmãos, que abençoou (*Gênesis*, 9, 3). Como nota Irvine (2008: 327), “*By the 19th century the ‘curse of Ham’ had already served for many centuries as a rationale for enslaving Africans, by Muslim as well as European slavers*”.

⁶⁹ A denominação *cuchita*, por exemplo, segue a mesma tradição: *Cuch* era um dos filhos de Cam.

Abandonada a referência bíblica, esta visão poligenética da diversidade estaria em Bleek e em August Schleicher (1821-1868), por exemplo (“*Portanto nos é impossível supor a derivação material [...] de todas as línguas do seio de uma língua primitiva única*” – SCHLEICHER, 1868 [1863]: 14), mas contestada por Charles Darwin (1809-1882), que, referindo-se implicitamente a ambos os autores (ALTER, 2007), afirmava que

Com base nas diferenças fundamentais entre determinadas línguas, alguns filólogos têm inferido que, quando o homem primeiramente se dispersou, ele não era um animal falante; pode-se suspeitar, contudo, de que as línguas – de longe muito menos perfeitas do que qualquer uma das que atualmente são faladas – auxiliadas por gestos, poderiam ter sido usadas e ainda assim não terem deixado traços nas línguas subsequentes e mais altamente desenvolvidas. Sem o uso de alguma língua, ainda que imperfeita, parece duvidoso se o intelecto do homem poderia ter alcançado os padrões implicados por sua posição dominante num período tão antigo.

(DARWIN, 2006: VII 910)

À medida que o século XIX caminhava para o fim, os ecos do texto bíblico que permeavam a classificação das línguas iam-se tornando menos audíveis, mas não completamente ausentes, como notou Irvine (2008: 327):

By the later decades of the 19th century, when human history was known to have much greater time depth than Biblical literalism afforded, and ‘race science’ began to dominate the scholarly world, the academic literature increasingly represented ‘Hamites’ as white and explained African language structures as derived from racial ‘mixtures’ when the Hamites moved southward into Africa (Lepsius, 1880). As Meinhof (1910–1911 and 1912) suggested, when the Hamites arrived in Africa they must have married black women already living there – women whose languages were not even part of the ‘Noatic’ superfamily.

4.2 Uma tipologia morfológica

A tradição gramatical greco-latina reconheceu a palavra como uma parte indivisível da oração. Sua estrutura interna não foi, a princípio, objeto de interesse: a palavra era formada por sílabas que, por sua vez, eram formadas por

letras. A *Arte* de Pedro Dias reflete essa tradição: Dias descreveu a estrutura morfológica do quimbundo lançando mão apenas de letras e sílabas.

Os estudos comparativos e históricos do século XIX alterariam essa visão. Para chegar às formas originais que permitiriam estabelecer o parentesco entre línguas era preciso dar conta de mudanças fonéticas ocorridas num passado muito distante e, por conta dessas alterações, propor unidades no interior da palavra. Afinal, como notava José Oiticica (1882-1957), “*Quem poderia ver semelhança entre zo de azoto e vi de viver? Pois ambas derivam da raiz indoeuropeia gwyē*” (OITICICA, [1919] 1958: 71).

Com Franz Bopp (1791-1867) a palavra ganhava estrutura de um nível descritivo diferente de letras e sílabas: propunha como elementos *raiz*, *afixo derivacional*, *afixo flexional*. E o século XIX via surgir uma nova denominação, *morfologia*, para dar conta de uma estrutura cujos formativos mudavam ao longo do tempo.

A nitidez das fronteiras internas da palavra ganhava importância na classificação das línguas, e a tipologia ganhava importância no estabelecimento de relações genéticas, o que redundou numa hierarquia de estágios sucessivos, sendo o mais primitivo o das *línguas monossilábicas* ou *isolantes*. A ele seguia-se o das *línguas aglutinativas* ou *afixivas*. O estágio mais sofisticado, o das *línguas flexivas* ou *fusionais*, incluía as línguas indo-europeias e as semíticas.

Wilhelm Bleek, o grande nome oitocentista no estudo das línguas bantas, defenderia a proposta de que traços linguísticos determinavam a posição de um povo numa hierarquia cultural. Seu ponto central foi a codificação do gênero. Bleek distinguiu as línguas em duas grandes classes ou famílias: as *línguas prefixo-pronominais* e as *línguas sufixo-pronominais* ou *línguas que denotam sexo*, isto é, que classificam as línguas em relação ao gênero, o que o outro grupo não faz. Trabalhando no Sul do continente africano, Bleek considerou a forma mais primitiva do primeiro grupo o *cosa* (ou *xhosa*) e o *zulu*; o segundo, o *coe* (*khoi*)⁷⁰.

A distinção proposta por Bleek seria seguida por Lepsius e Cust, e traços gramaticais justificariam opor bantos e hamitas em praticamente todos os cri-

⁷⁰ Empregamos nos glossônimos as grafias em português propostas por Margarida Petter (2015).

térios para classificação de línguas bantas como já apontava Cust⁷¹. O *Quadro 4* a seguir esquematiza essa visão, seguindo Campbell & Posner (2008: 125):

Banto	Hamita
Línguas prefixais	Línguas sufixais
Ausência de gênero	Presença de gênero
Aliteração eufônica (concordância)	Sem aliteração eufônica
Uso de preposições	Uso de posposições
Genitivo depois do Nome possuído	Genitivo antes do Nome possuído
SVO	VSO, SOV
Tom	Sem tom

Quadro 4: Tipologia para o Banto e o Hamita na visão de Cust (adaptado de Campbell & Posner, 2008).

A importância da estrutura interna nas palavras para o Banto estaria presente em outros autores, caso de Johnston (1886):

We may therefore reduce the real features of the Bantu family of languages to these:

- I. They are agglutinative in their construction.
- II. *None* of their words ever end in a consonant except in rare instances, where the termination through contraction becomes a nasal sound.
- III. No two consonants come together without an intervening vowel, except where one of them is a nasal or a labial.
- IV. Substantives are divided into many classes or genders, the full number of which is sixteen. These are governed by characteristic prefixes, differing in singular and plural, and observing the “concord” throughout the sentence.
- V. No sexual gender is recognized, but two particular classes of prefixes (one

⁷¹ Cust (1863:II, 294): “**I.** Prefixes to Nouns according to Classes. **II.** Absence of Grammatical Gender. **III.** Nominal Prefixes. **IV.** Personal Pronouns prefixed to Verbs. **V.** Euphonic Alliteration. **VI.** Use of Prepositions instead of Postpositions. **VII.** Position of the Genitive after its governing Noun. **VIII.** Position of the Subject before the Verb, and the Verb before the Object. **IX.** Insertion of a Pronoun after the Object, and before the Verb, ex. gr., “Satan (he) (her) deceived Eve.” **X.** Termination of Syllables in Vowels only, which may be modified by a Nasal. **XI.** Frequent strengthening of the Initial by a Consonantal Prefix principally by a Nasal. **XII.** The use of Tones.”

singular, and one plural) indicate sentient forms of animal life only, though these may also be expressed by nouns bearing other prefixes as well.

VI. The pronominal-particles (which are really identical in origin with the prefixes) must always precede the verbal-root, except in the imperative mood.

VII. The verbal-root may modify its termination by change of vowel or by suffixing certain particles ; or it may even change its radical vowel, either to form a tense or to alter the original meaning of the simple stem, this being actually inflection.

VIII .Adjectives and numerals always *follow* the noun.

(JOHNSTON, 1886: 491)

4.3. *Línguas, falantes e hierarquias*

A nascente ciência da linguagem começava a relacionar língua e raça, permitindo, com isso, a exploração política de argumentos acerca da superioridade ou inferioridade de línguas e grupos humanos (ver DAVIES, 1998: 157ss). E começava a lançar as bases, como notou Auroux, de um *racismo linguístico*, explícito, por exemplo, nas implicações da classificação de Bleek em *Sobre a origem da linguagem*, de 1869:

Is it, then, a mere accident that nearly all the nations which have made any progress in scientific acquirement speak sexual languages? [...] On the other hand, among the mass of nations speaking prefix-pronominal languages, [...] there is not one that has added any noteworthy contribution to scientific knowledge; and not a single individual who could be called great as thinker, inventor, or poet has risen among them. This fact is, doubtless, the result of an organic defect, the ground of which lies in the lack of any power of seizing poetically the constitution of things. The grammatical form of their languages does not allow their imagination that higher flight which the form of the sexual languages irresistibly imparts to the movement of the thought of those that speak them.

This enables us to see why the mode of speech, and hence also the mode of thought, prevalent among peoples who speak prefix-pronominal languages is strikingly practical and prosaic. Of poetry, as well as of science, mythology, and philosophy, there is hardly even a trace among them.

(BLEEK, 1869, pp. xxii–xxiii In KOERNER, ed. 1983)

Essas conclusões não eram melhores que as ideias contidas no *Prefácio do Editor*, do biólogo e sobrinho Ernst Haeckel (1834-1919):

As it is well known, the tribes of South Africa, the Hottentots, the Bushmen, the Kaffirs, and others, branches of the woolly-haired long-headed (dolichocephalic) family, and usually looked upon as belonging to the negro stock, have remained, down to the present day, at the lowest stage of human development, and made the smallest advance beyond the ape. This is true not only in respect of their entire physical and moral characteristics, but also in respect of their language. [...] Bleek soon found in Cape Town other and manifold opportunities for becoming more closely acquainted with those lower races of men, who in every respect remind us of our animal ancestors, and who, to the unprejudiced comparative student of nature, seem to manifest a closer connection with the gorilla and chimpanzee of that region than with a Kant or a Göthe. Whist Bleek's comparative studies in language were thus positively favored by the immediate empirical examination of those lowest stages of human linguistic developments [...]

(In KOERNER, ed. 1983: iv-vi)

5. O encontro de duas tradições gramaticais

Na *Arte* não há definições para qualquer termo gramatical. Era uma obra dirigida a quem já dominava a gramática latina e, por conseguinte, conhecia a metalinguagem gramatical. Nela a influência de *De institutione grammatica libri tres*, de Manuel Álvares se faz presente. Álvares é a chave para decifrar os subtítulos em Dias (ROSA, 2013: 63-68): para descrever a sintaxe do quimbundo, por exemplo, Pedro Dias a confronta com as regras de Álvares⁷², apresentadas apenas parcialmente, seja com a abreviatura *etc* — como em *Verbum personale, &c., Prima, & secunda persona, &c., Aut cum plus significamus, &c., Verbum infinitum, &c., Voces copulativae, &c.* — seja sem a presença da abreviatura *etc* — como em *Partitivos; Propria pagorum*. O recurso a regras alvaresianas apresentadas apenas pela primeira palavra (ou poucas mais) seguida de *et cetera* estará presente em outros trabalhos da época, como o *Promptuario de syntaxe*, do jesuíta Antônio Franco (1662-1732), publicado em Lisboa em 1699, o que reforça a visão de que, fosse pelo original, fosse por um dos cartapácios em uso em Portugal, essas regras constituíam um conjunto de conhecimento compartilhado por quem estudava gramática.

⁷² Dias (1697: 34): “porei a primeira palavra da regra Latina, & o exemplo da lingua Angolana, declarando o exemplo da mesma lingua, para que se saiba a palavra, que pertence à regra, de que se trata”.

A arquitetura gramatical em Álvares é aquela que havia séculos fundamentava a tradição greco-latina: “*A sílaba é composta das letras, uma ou várias, assim: a, le, as. [...] A palavra é feita de sílabas, assim: aleas; algumas vezes, de uma sílaba, assim: mors. A oração é feita de palavras, assim: Aleas fuge; Mortem meditare*” (ÁLVARES, 1572: 46 – trad. MCR).

É preciso ter em mente esse modelo gramatical para compreender as razões de se descreverem processos morfológicos em termos de letras e sílabas. A obra de Dias principia pelas *Advertencias de como se hade ler, & escrever esta Lingua* (1697: 1), que focalizam também a letra e a sílaba na constituição das partes do discurso e suas alterações formais: a mudança, a introdução ou a supressão de letras ou de sílabas descrevem as alterações no significado das palavras. Dias não tem à disposição unidades como raiz ou afixo, termos que se firmariam na linguística apenas no final do século XIX, e lança mão do quadro teórico de seu tempo. Como apontado em Rosa (2013), dos termos que tinha à disposição no português para expressar o conceito de palavra – *dição, vocábulo, voz e palavra* – Pedro Dias emprega *palavra* como unidade com significado; *voz* parece enfatizar a cadeia sonora (ROSA, 2013). Considerada a palavra na formação da oração, Dias emprega ainda *parte da oração*: “*Em quanto à Rudimenta, tem esta lingua todas as oito partes da oraçãõ*” (1697: 23): *nome, pronome, verbo, advérbio, participio, preposição, interjeição e conjunção*. Nessa tradição gramatical, o substantivo e o adjetivo são subclasses do nome, e o artigo não estava entre as oito partes.

A sequência acerca de quantas e quais mudanças na forma uma parte do discurso sofre vai sendo introduzida em confronto com as estruturas do latim. Embora não enumerados, lá estão os seis acidentes do nome: *qualidade, comparação, gênero, número, figura e caso*⁷³. Seis em latim, porque Dias reconhece a inexistência de dois deles em quimbundo: afirma que a língua de Angola “*Naõ tem [...] declinações, nem casos*” (1697:4); e ainda que “*Naõ tem [...] Generos*” (1697: 23). No tocante à *qualidade*, lá estão os *nomes apelativos* (mais tarde, *comuns*) e os *nomes próprios*.

Para dar conta das mudanças morfofonológicas dos *nomes apelativos*, Dias os subdivide em *racionais* e *irracionais* (1697:7) e *designadores de officios*

⁷³ **Qualidade**: a distinção entre *nomes próprios* e *comuns* (ou *apelativos*); **gênero**: *masculino, feminino, neutro* e *comum*; **comparação**: *graus positivo, comparativo e superlativo*, aplicáveis apenas aos adjetivos, isto é, aos nomes que significam qualidade ou quantidade; **número**: *singular e plural*; **figura**: *simples e composta*; **caso**: *nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo*

(1696:6). A *comparaçãõ*, aplicável apenas aos nomes adjetivos na gramática latina, é explicada em termos de um outro mecanismo gramatical que, para Dias, seria o equivalente semântico na língua de Angola:

Para o superlativo usam os Ambundos do verbo Cubêta, que significa levar vantagem [...] Também usaõ da particula Quinêne, que significa muito; & destoutra quiãfuêle, que significa muito pouco. Se ao verbo Nguibêta acrescentarmos o adverbio quinêne, fará hum superlativo muito aventajado “

(DIAS, 1697: 41)

Se a língua não tem “*declinações, nem casos*“, tem “*singular, & plural*” (DIAS, 1697:4). Com essa afirmação sobre a expressão do *número* tem início a apresentação da morfologia prefixal do nome e o sistema de concordância nominal — em termos de letras e sílabas, é certo, mas permitindo perceber diferentes classes nominais e sua concordância. Quanto à *figura*, isto é, as formas simples e compostas, Dias (1697:31-32) informa que

Os nomes verbaes se compoem dos verbos simplices postos na primeira pessoa do Imperativo, onde o verbo está livre de toda a composiçãõ, v.g. Ngiba, mata tu, mudando o ultimo A em I, & acrescentando a syllaba MU, no principio, fica entãõ, Mugibi, o matador.

Os verbos que acabem em Ca, Da, Ga, La, Ta, mudaraõ as ditas syllabas Ca, em Qui, Da, em Gui, Ga, em Gi, La, em Ri, Ta, em Chi, v.g. Muçonequi, escrevãõ, do verbo Soneca, escrever.[....]

Os nomes, que significaõ. instrumento, se formaõ dos primeiros compostos, tirando as particulas pessoases, & mudando o ultimo A, em O, v.g. Nbombela, carinho, ou lisonja. Nbombelo, o instrumento com que se lisongea, do verbo, Nbomba, que significa , lisongear, ou cariciar.

O pronome quimbundo, confrontado com o latino, “*Naõ tem declinaçãõ, nem variedade de casos*” (1697: 8). A distinção entre pronomes que recebem pessoa (lat. *ego, tu, ille*) e que não recebem pessoa (lat. *quis, quae, quod*) é marcada, respectivamente, como *pronomes primitivos e relativos*.

Na conjugação do verbo, formas do paradigma verbal geram outras formas do paradigma verbal, com a manipulação de letras e sílabas:

Para sabermos porque letra começa o verbo, polohemos no Imperativo, sem algum

acrescentamento, nem antes, nem depois; porque neste caso se poem o verbo simplesmente com suas letras, & syllabas essenciaes. verbi gratia. Gibá, mata tu. Nzóla, ama tu. [...] a letra A, acrescentada, & collocada entre a particula distinctiva da pessoa, & o verbo, he sinal universal de preterito: verbi gratia. üazola⁷⁴ zola, tu amavas. Gagiba giba, eu matava. Gazolele, eu amei. üazolele, tu amaste. (DIAS, 1697: 11)

Escrevendo no século XVII, Dias ainda não emprega *sujeito* nem *predicado*. *Nominativo* ou *agente* são os termos empregados:

Tambem usaõ do nominativo occultamente. verbi gratia. Acondequê o rigina riaye, a gente honre o vosso nome. O exemplo está em *acondeque*, verbo com nominativo occulto. (DIAS, 1697: 35)

O capuchinho Cannecattim explicita a tradição gramatical a que se filia logo nas primeiras linhas de suas *Observações*, enumerando as quatro partes de seu edifício gramatical:

Posto que a Grammatica conste de quatro partes, que são Orthografia, Prosodia, Etymologia, e Syntaxe, com tudo o Author não se propõe mais do que dar ao público algumas observações que nesta mesma lingua tem feito, cingindo-se o mais que lhe he possível áquella mesma ordem que os Grammaticos sempre adoptarão, não ficando desobrigados os Angolenses de fazerem, como elle mesmo espera, huma mais exacta, e mais completa Grammatica, visto haver entre elles, sujeitos capazes de semelhante empreza. (CANNECATTIM, 1805: 1)

Cannecattim foi duramente criticado por ter apontado gênero, casos e declinações em quimbundo. É interessante observar que Souza e Oliveira & Francina (1864) não se afastaram de Cannecattim. Ambos explicam que atribuíram gênero aos nomes segundo a tradução para o português:

17^a Como até agora nenhum grammatico tem estudado o caracter d’esta lingua e sendo as terminações dos substantivos muito variadas para por ellas se poder

⁷⁴ No original, <üanzola>.

determinar-lhe os generos, (pois que mesmo as dos adjectivos, ainda que poucos, são invariaveis em genero) julgamos conveniente consideral-os com os generos que tem os seus significados na lingua portugueza; ao menos até que estudos mais aturados possam dar o conhecimento dos preceitos grammaticaes a tal respeito. (SOUZA E OLIVEIRA & FRANCINA, 1864: 4)

Souza e Oliveira & Francina reconheceram uma única declinação, consideraram a língua única quanto a esse aspecto da morfologia e padronizaram a formação de plural dos nomes:

8ª Os nomes substantivos da lingua nbundu formão o plural pela mudança de suas letras iniciaes, e não pela terminação, como acontece em todas as outras linguas; e todos, ao que parece, pertencem a uma unica declinação.

A regra geral para a formação do plural dos nomes é a anteposição da syllaba *ji* ao singular.

(SOUZA E OLIVEIRA & FRANCINA, 1864: 4)

Gonçalves (2018), unindo um comentário do Prof. Salikoko Mfwene (Universidade de Chicago) de que não há artigos no banto e uma observação de Zwartjes (2011: 217) sobre o emprego de *artigo* na gramática do congo do também capuchinho Giacinto Brusciotto, de 1659, como *elemento de ligação*⁷⁵, demonstrou a semelhança entre os elementos que Cannecattim denominava ‘artigo’ e aqueles que em Baião são *prefixos de concordância*. Para ela, Cannecattim, como Brusciotto, adaptava a nomenclatura gramatical que tinha à disposição. Apontou ainda a semelhança entre as classes nominais de Chatelain e as declinações de Cannecattim (*Quadro 5*).

Cannecattim	Chatelain
1º Decl. Sing. M- (em sua maior parte um-) e Pl. A-/Mi-	Classe I. Sing. Mu- e Pl. A-. Classe II. Pl. Mi-.

⁷⁵ “He was aware that often the plural classifier is different from its singular counterpart. He did not treat plural classifiers as different classes, but put them together in the same paragraph. This was motivated by the use of the word article (‘article’), which etymologically has the meaning of a ‘linking’ or ‘binding’ element’, and is used by Brusciotto to describe what today we call ‘concord’ “.

2º Decl. Sing. N- (as guturais. Ex: Ng-) e outros nomes com diferentes iniciais no sing., mas com a mesma inicial de Pl. e Pl. Ji-	Classe IX. Sing. – (permite vários prefixos no sing.) e Pl. Ji-
3º Decl. Sing. Q- (Qui) e Pl. I-	Classe III. Sing. Ki- e Pl. I-
4º Decl. Sing. R- (Ri- em sua grande maioria) e Pl. M- (Ma- em sua grande maioria)	Classe IV. Sing. Ri- e Pl. Ma-

Quadro 5 - Semelhanças apontadas por Gonçalves (2018)

Conclusão

As cinco obras são anteriores à institucionalização da Linguística e, sendo assim, poderiam receber o rótulo *gramáticas tradicionais*, advertindo-se que essa rotulagem não tem o caráter de uma “étiquetage infamant” (Chevalier, 1986: 289), mas apenas indica que tais obras apresentam visões gramaticais que circularam antes da publicação do *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure. Essa generalização poderia levar à falsa ideia de que todos esses trabalhos são apenas reapresentações do mesmo, e não são. As cinco gramáticas permitem acompanhar uma sucessão de mudanças.

São produzidas por grupos diferentes — jesuítas, capuchinhos, protestantes, estudiosos laicos. Cada grupo constituiu uma comunidade que partilhou uma “constelação de crenças, valores, técnicas, etc” (Kuhn, posfácio 1969: 218).

Para obter licença para a impressão e circulação, o linguista-missionário do século XVII submetia sua obra a um processo que mesclava censura e revisão por pares, reunindo como critérios a ausência de “*cousa, que encontre a nossa Santa Fè, ou bons costumes*” e a presença de “*regras muito proprias, & conformes ao idioma da dita lingua, que serão sem duvida de grande utilidade para os principiantes*” (Dias, 1697: ii). No final do século XIX o aval viria de outros *africanistas*, nova comunidade acadêmica que se formava.

Jesuítas, mas não os capuchinhos, tinham Manuel Álvares como modelo. No final do século XIX o estudo do quimbundo deixava a tradição gramatical greco-latina e passava a receber a influência da filologia alemã. Com isso, a palavra sem estrutura interna ganhava estrutura morfológica, que situava a língua numa hierarquia tipológica. Deixavam-se de lado as declinações e surgiam classes nominais, cujo número (16, ou mais, ou menos) seria discutido com a grande família banto como pano de fundo. Por vezes, a tradição greco-latina falava mais alto, e os paradigmas verbais surgiam em sequência, como em Batalha (1891:55).

Referências⁷⁶

- AGWUELE, Augustine. Practice of Historical Linguistics and language codification in Africa. **History Compass**, 6(1): 1-24. 2008
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Os africanos e as falas africanas no Brasil. In: Galves, Charlotte; Garmes, Helder & Ribeiro, Fernando Rosa (org.). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 15-25. 2009.
- ALMANAQUE LAEMMERT/ **Almanak administrativo, mercantil, e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert. 1859.
- ALTER, Stephen G. Darwin and the Linguists: the Coevolution of Mind and Language, Part 1. Problematic Friends. **Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**. 38: 573-84. 2007.
- ÁLVARES, Manuel. **De institutione grammatica libri tres**. Lisboa: João Barreiro. 1572. Ed. fac-similar: [s.l.] Junta Geral do Distrito Autônomo de Funchal, [1974].
- ANGOLA, Província de. Índice do Boletim Official da Provincia d'Angola: comprehendendo os annos que decorrem desde 13 de setembo de 1845 em que foi publicado o 1º N° até 1862 inclusive. Luanda: Imprensa do Governo, 1864.
- ANÔNIMO. Ladislau Batalha (1856 - 1939): Viajante, professor, publicista, jornalista, político, pedagogo. In: **Vinculados ao Barreiro**, s.d. - <http://www.vinculadosaobarreiro.com/15Ladislau/main.html>.
- AZEVEDO, Elisa Dias Ferreira de. **O complexo cultural luandense oitocentista: reflexões sobre o papel da religião católica na conformação dos “filhos da terra”**. Rio de Janeiro: UNIRIO/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. 2015.
- BAIÃO, Domingos Vieira. **O kimbundu prático ou guia de conversação em português-kimbundu, idioma falado nas regiões de Luanda e de Malange**. S.l.: s.n. [1940]
- BAIÃO, Domingos Vieira. **O kimbundo sem mestre**. Porto: Imprensa Moderna. 1946.

⁷⁶ Links acessados em 24/04/2019.

- BALBI, Adrien. **Atlas ethnographique du globe, ou Classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues**. Paris, Rey et Gravier. 1826.
- Barbeitos, Arlindo. A “raça” ou a ilusão de uma identidade definitiva. In: GONÇALVES, António Custódio (org.). *O racismo ontem e hoje. Estados poderes e identidades na África Subsariana. Papers of VII Colóquio Internacional “Estados Poderes e Identidades na África Subsariana. O Racismo ontem e hoje.”* Porto: FLUP. p. 139-148. 2005.
- BATALHA, Ladislau. **Línguas d'África**. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1889. (Propaganda de instrução para portugueses e brasileiros: Bibliotheca do Povo e das Escolas, série 22, nº 175) <http://purl.pt/17353>
- BATALHA, Ladislau. **A língua de Angola**. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1891. (Propaganda de Instrução para Portuguezes e Brasileiros : Bibliotheca do Povo e das Escolas, série 25, nº 193). <http://purl.pt/17354>
- BATHE, William. **Ianua linguarum, sive Modus maxime accommodatus, quo patefit aditus ad omnes linguas intelligendas Salmanticae**. Salamanca: Franciscum de CeaTesa. 1611.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli & Dias, Erika Simone de Almeida Carlos (orgs.). **Catálogo dos documentos manuscritos avulsos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa/IICT/Portugal (1581-1834):** referentes à Ultramar, Serviços de partes, Visita do ouro, Contratos do sal, Brasil-geral. Rio de Janeiro: MinC, 2011.
- BENDOR-SAMUEL, John. African languages. In: Daniels, Peter T. & Bright, William (eds.). **The world's writing systems**. New York/ Oxford: Oxford University Press, p. 689-691, 1996.
- BIRMINGHAM, David. **Empire in Africa: Angola and its neighbors**. Athens: Ohio University Press, 2006.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. v 7, 1902.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 8 v., 1712-1728.
- BONVINI, Emilio. Repères pour une histoire des connaissances linguistiques des langues africaines. [I. Du XVIIe siècle au XVIIIe siècle : dans le sillage des explorations]. In: **Histoire Épistémologie Langage**, n. 18, v. 2, p. 127-148, 1996.
- BONVINI, Emilio. Interférences anthropologiques dans l'histoire de la linguistique africaine. **Histoire Épistémologie Langage**, n. 29, v. 2, p. 113-130, 2007.

- BONVINI, Emílio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz & PETTER, Margarida. **África no Brasil: a Formação da Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, p. 15-62, 2008.
- BOSTOEN, Koen & Schryver, Gilles-Maurice de. Linguistic innovation, political centralization and economic integration in the Kongo kingdom : Reconstructing the spread of prefix reduction. **Diachronica**, n. 32, v. 2, p. 139-185, 2015.
- BOWDICH, Thomas Edward. **An Account of the discoveries of the Portuguese in the interior of Angola and Mozambique**. London: Printed for John Booth, 1824.
- BRANDÃO, Renato Pereira. A Companhia de Jesus e o padroado português: conflito de nacionalidades no seio jesuítico. **XXVII Simpósio Nacional de História–Conhecimento Histórico e Diálogo Social**. Natal: 2013.
- BRÁSIO, António. **Monumenta missionaria africana: África Ocidental (1470-1599)**. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, vol. III, 1953. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/34043>
- CAMPBELL, Lyle & Posner, William J. **Language classification: history and method**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- CANNECATTIM, Bernardo Maria de. **Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza, e latina**. Lisboa: Impressão Regia, 1804. Disponível em: <http://purl.pt/13927/1/>
- CANNECATTIM, Bernardo Maria de. **Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense e Diccionario abreviado da lingua congueza**. Lisboa: Impressão Régia, 1805. Disponível em: http://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb10524258_00001.html
- CANNECATTIM, Bernardo Maria de. **Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense e Diccionario abreviado da lingua congueza**. Lisboa. Imprensa Nacional. 1859. Disponível em: <https://archive.org/details/collecodeobs00cannuoft>
- CARVALHO, Henrique A. D. de. **O jagado de Cassange na Província de Angola**. Lisboa: Tipographia de Christovão Augusto Rodrigues, 1898.
- CHATELAIN, Héli. **Grammatica elementar do kimbundo ou lingua de Angola**. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt, 1888-1889.
<http://www.archive.org/stream/kimbundugrammar00chatgoog#page/n28/mode/2up>
- CHATELAIN, Héli. Names of Angola, West Africa. **Journal of the American Geographical Society of New York**. n. 25, p. 304-312, 1893a.

- CHATELAIN, Héli. Bantu notes and vocabularies. No. I. The Language of the Bashi-Lange and Ba-Luba. **Journal of the American Geographical Society of New York**. n. 25, p. 512-541, 1893b.
- CHATELAIN, Héli. Folk-tales of Angola: fifty tales, with Ki-Mbundu text, literal English translation, introduction, and notes, collected and edited by Héli Chatelain. **Memoirs of the American Folk-Lore Society**. Boston/New York: The American Folk-Lore Society, 1894a. v. 1.
- CHATELAIN, Héli. African races. **The Journal of American Folklore**. v. 7, n.27, p. 289-302, 1894b..
- CHEVALIER, Jean-Claude. Qu'entendre par "grammaire traditionnelle"? **Revue Québécoise de Linguistique**. n. 15, v.2, p. 289-296, 1986.
- COLE, Desmond T. The history of African linguistics to 1945. In: Sebeok, Thomas A. (ed.). **Current trends in linguistics**. v.7: Linguistics in Sub-Saharan Africa. The Hague/Paris: Mouton, p. 1-29, 1971.
- CONSELHO ULTRAMARINO/ Brasil-Pernambuco. **Requerimento** do missionário capuchinho italiano, frei Jesualdo Maria de Florença, por seu procurador Bernardo Maria da Cannecattim, ao rei [D João VI] pedindo passaporte para fazer viagem à capitania de Pernambuco e o auxílio em dinheiro normalmente destinado aos missionários. - AHU_ACL_CU_015, Cx. 280, D.18946.
- CONSELHO ULTRAMARINO/ Brasil-Pernambuco. **Requerimento** do missionário capuchinho italiano, frei Joaquim de Afragola, por seu procurador frei Bernardo Maria da Cannecattim ao rei [D. João VI], pedindo passaporte e esmola para fazer viagem à capitania de Pernambuco. AHU_ACL_CU_015, Cx. 280, D. 18956.
- CUST, Robert Needham. **A sketch of the modern languages of Africa**. London: Trübner, 2v., 1883.
- CUST, Robert. Introduction. In: CHATELAIN, Héli. **Grammatica elementar do Kimbundo ou lingua de Angola**. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt, 1888-1889.
- CUVELIER, J. Canicatti (de) (Bernard-Marie). In: INSTITUT ROYAL COLONIAL BELGE. **Biographie Colonial Belge/ Belgische Koloniale Biografie**. t.2, p. 133-134, 1951.
- DARWIN, Charles. The descent of Man. In: Wilson, Edward O. (ed.). **From so Simple a Beginning**. The Four Great Books of Charles Darwin. Edited, with introduction by E. O. Wilson. New York/London: W. W. Norton & Co., p. 767-1248, 2006 [1871].

- DAVIES, Anna Morpurgo. Nineteenth-Century linguistics. Lepschy, Giulio (ed.). **History of Linguistics**. London: Longman, v. IV 1998. print on demand.
- DIAS, Pedro, S.J. **Arte da lingua de Angola, oeferecida [sic] a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãy, & Senhora dos mesmos Pretos**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, anno 1697. Edição fac-similar: Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006. Disponível em: <http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/YAN/Media/YAN3387-1.pdf>
- DUIGNAN, Peter & Gann, L. H. *The United States and Africa: a history*. Cambridge, Gr. Brit.: Cambridge University Press, 1984.
- ECO, Umberto. **The search for the perfect language**. Oxford: Blackwell, transl. James Fentress, 1995 [1993].
- ELLIS, William. **A narrative of a tour through Hawaii, or Owhyhee: with remarks on the history, traditions, manners, customs, and language of the inhabitants of the Sandwich Islands**. Honolulu: Hawaiian Gazette Co., 1917 [1827].
- ESTÊVÃO, Tomás. **Arte da lingoa canarim** composta pelo Padre Thomas Esteuão da Companhia de Iesus & accrescentada pello Padre Diogo Ribeiro da mesma Companhia. E nouamente reuista. & emendada por outros quatro Padres da mesma Companhia. Rachol: Collegio de S. Ignacio, 1640.
- FARIA, Patrícia Souza de. A Companhia de Jesus. In: **Rede Memória/Rede da Memória Virtual Brasileira**, 2006. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/religiao/a-companhia-de-jesus/>
- FERNANDES, Gonçalo. Primeiras descrições das línguas africanas em língua portuguesa. **Confluência**. n.49, p. 43-67, 2.º sem. 2015.
- FERREIRA, Frederico Antônio. **O imperador e o príncipe: a participação do governo imperial brasileiro na questão da crise dinástica no reino do Congo (1857 – 1860)**. Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, dissertação para obtenção do grau de mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, 2015.
- GONÇALVES, Catarina Lobo. **Uma descrição missionária do quimbundo: a Collecção de Observações Grammaticaes de Fr. Bernardo Maria de Canecattim, O. F. M.** Cap. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Catarina_Lobo-Goncalves
- GONÇALVES, Catarina Lobo. **Um estudo sobre a Collecção de Observações Grammaticaes, de Fr. Bernardo Maria de Cannecattim, O. F. M. Cap.** Rio de Janeiro: UFRJ, trabalho de conclusão de curso de graduação, 2018.

- GREGERSEN, Edgar A. **Language in Africa: an introductory survey**. New York: Gordon and Breach, 1977a.
- GREGERSEN, Edgar A. Successes and failures in the modernization of Hausa spelling In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). **Advances in the Creation and Revision of Writing Systems**. The Hague: Mouton, p. 421-440, 1977b.
- GUIZELIN, Gilberto da Silva. Um posto do primeiro escalão: o papel almejado pela diplomacia do Segundo Reinado para o Consulado do Brasil na província portuguesa de Angola. **Anais do XXIII Encontro Estadual de História**, 14, 2014.
- GUIZELIN, Gilberto da Silva. **Depois dos navios negreiros: a criação do Consulado Brasileiro em Luanda e as relações do Império com a colônia portuguesa de Angola, 1822-1860**. Franca: UNESP, tese (doutorado em História), 2016.
- HEINTZE, Beatrix. A lusofonia no interior da África Central na era pré-colonial. Um contributo para a sua história e compreensão na actualidade. **Caderno de Estudos Africanos**. n. 7/8: p. 179-207, julho 2004-junho 2005.
- IRVINE, Judith T. Subjected words: African linguistics and the colonial encounter. **Language & Communication**. n. 28, p. 323–343, 2008.
- ISIDORO DE SEVILHA. **Isidori Hispaliensis Episcopi Etymologiarum sive Originum**. Libri XX, Tomus I, Libros I-X Continens . W. M. Lindsay (ed.). Oxford: Ex typographeo Clarendoniano.
- JONES, William. The third anniversary discourse, on the Hindus, delivered 2d of February, 1786. In: **The Works of Sir William Jones in Six Volumes**. London: G. G. and J. Robinson, Pater-Noster-Row and R. H. Evans, v. 1, p. 19-34, 1799.
- JOHNSTON, Harry Hamilton. **The Kilima-Njaro expedition**. A record of scientific exploration in eastern equatorial Africa. And a general description of the natural history, languages, and commerce of the Kilima-Njaro district. London: K. Paul, Trench, and Co., 1886.
- JONES, William. A Dissertation on the Orthography of Asiatick Words in Roman Letters. In: **The works of Sir William Jones in six volumes**. London: G. G. and J. Robinson, Pater-Noster-Row and R. H. Evans, v. 1., p. 175-228, [1788]1799.
- KODAMA, Kaori. Os debates pelo fim do tráfico no periódico O Philantropo (1849-1852) e a formação do povo: doenças, raça e escravidão. **Revista Brasileira de História**. 28, v.56, p. 407-430, 2008.

- KOERNER, Konrad (ed). **Linguistics and evolutionary theory**: Three essays by August Schleicher, Ernst Haeckel, and Wilhelm Bleek. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1983.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1962].
- LEITE E VASCONCELLOS, José Máximo Castro Neto. **Collecção oficial da legislação Portuguesa**: anno de 1863. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 116, 1983.
- MACHADO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, prefácio José Luis Jobim, 2013 [1930].
- MALMBERG, Bertil. **Histoire de la linguistique**: de Sumer à Saussure. Paris: PUF - Presses Universitaires de France, 1991.
- MAMIANI, Luiz Vincencio. **Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam kiriri**. Lisboa: Miguel Deslandes, 1699.
- MENEZES, Sebastiao Lopes de Calheiros e. **Relatório do Governador Geral da Província de Angola Sebastiao Lopes de Calheiros e Menezes referido ao anno de 1861**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867.
- METCALF, George J. The Indo-European hypothesis in the sixteenth and seventeenth centuries. In Hymes, Dell (ed.). **Studies in the History of Linguistics**: Traditions and Paradigms. Bloomington: Indiana University Press, p. 233-257, 1974.
- MOLL, Herman. **Negroland anda Guinea with the European Settlements, Explaining what belongs to England, Holland, Denmark, etc**. London: Thomas Bowles & John Bowles, 1729.
- MOSER, Gerald. Héli Chatelain: Pioneer of a national language and literature for Angola. **Research in African Literatures**. N.14, v.4, p. 516-537, 1983.
- MOSER, Gerald. Angola. In: Gérard, Albert S. (ed.). **European-language writing in sub-Saharan Africa**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, v. 1, p. 290-304, 1986.
- MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2004.
- NABO, Olímpia de Jesus de Bastos Mourato. **Educação e Difusão da Ciência em Portugal**: A “Bibliotheca do Povo e das Escolas” no Contexto das Edições Populares do Século XIX. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre/ Escola Superior de Educação de Portalegre, diss. de mestrado em Formação de Adultos e Desenvolvimento Local, 2012.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. O reino deste Mundo: o padroado e seus reflexos nas cartas de José de Anchieta. **Teresa**. N. 8, v. 9, p. 238-250, 2008.

- N'SONDÉ, Jean de Dieu. **Parlons kimbundu langue de l'Angola**. Paris: L'Harmattan, 2011.
- OITICICA, José. **Manual de análise (léxica e sintática)**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958 [1919].
- PACCONIO, Francesco & Couto, Antonium do. **Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé**. Obra posthuma, composta pello Padre Francisco Pacconio da Companhia de Iesu. Redusida a methodo mais breve & accomodado á capacidade dos sogeitos, que se instruem pello Padre Antonio do Couto da mesma Companhia. Lisboa: Domingos Lopes Rosa, 1642.
- PACCONIO, Francesco & Couto, Antonium do. **Gentilis angollae fidei mysteriis...** / per R. P. Antonivm de Covcto Soc. Iesv theologum ; Nunc autem latino per Fr. Antonivm Mariam Prandomontanum, concionatorum capucinum.... Romae : Typis S. Congreg. de Propaganda Fide, 1661.
- PACCONIO, Francesco & Coucto, Antonium do. **Gentilis Angolae in fidei mysteriis eruditus**. Opusculum reginae fidelissimae Mariae I. Iesu denuo excussum. Olisipone: ex Typographia Regia, 1784.
- PAWLIKOVÁ-VILHANOVÁ, Viera. Christian missions in Africa and their role in the transformation of African societies. **Asian and African Studies**. N. 16, v.2, p. 249-260, 2007.
- PORTUGAL. **Boletim do Conselho Ultramarino**. Legislação novíssima. vol. IV, 1863. Lisboa: Imprensa Nacional, 1869.
- PORTUGAL. **Annaes do Conselho Ultramarino**, parte official. Lisboa, Imprensa Nacional, série I, fevereiro de 1854 a dezembro de 1858, 1867.
- PORTUGAL. **Annaes do Conselho Ultramarino**, parte official. Lisboa: Imprensa Nacional, série II, janeiro de 1859 a dezembro de 1861, 1867.
- PORTUGAL. **Boletim do Conselho Ultramarino**: Legislação novíssima. Lisboa: Imprensa Nacional, v. 4, 1869.
- PROYARD, Liévin-Bonaventure. **Histoire de Loango, Kakongo, et autres royaumes d'Afrique; rédigée d'après les mémoires des préfets apostoliques de la mission française**. Paris/ Lyon: C. P. Berton; N. Crapart/ Bruysset-Ponthus, 1776.
- PTOLEMY, Claudius. **The geography**. New York: Dover Publications, transl. & ed. by Edward Luther Stevenson, with an introduction by Joseph Fischer, 1991.
- QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente correto & direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

- QUEIROZ, Artur. Um jornalismo de combate pela liberdade e autonomia. **Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras**, s.d.
- quintiliano, Marcos Fábio. **Instituição oratória**. Campinas: Editora da Unicamp, trad. e notas Bruno F. Basseto, 2015. 4vv.
- RIBEIRO, Maria Cristina Portella. **Ideias republicanas na consolidação de um pensamento angolano urbano (1880 c.-1910 c.):** convergência e autonomia. Lisboa: Universidade de Lisboa, dissertação de mestrado em História da África, 2012.
- RODRIGUES, Jacinto. **A Especificidade do Imaginário Colonial nos Romances de Aventuras de Ladislau Batalha**. s.d. Disponível em: <http://jacintorodrigues.blogspot.com/p/ladislau-batalha.html>
- ROSA, Maria Carlota. As línguas bárbaras e peregrinas do Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no ensino de línguas estrangeiras. **Revista de Estudos da Linguagem**. N. 6, p. 97-149, 1997.
- ROSA, Maria Carlota. **Uma língua africana no Brasil Colônia de Seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, S. J.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- ROSA, Maria Carlota. **E se tivesse de ler em voz alta, numa língua desconhecida, não ouvida antes?** Rio de Janeiro: M.C. Amaral Paixão Rosa, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/1236>
- SCHLEICHER, August. La théorie de Darwin et la Science du Langage/De l'importance du langage pour l'Histoire Naturelle de l'homme. In: **Recueil de travaux originaux ou traduits relatifs a la Philologie & a l'Histoire Littéraire avec un avant-propos de M. Michel Bréal**. Paris: A. Franck, trad. M. de Pommayrol, 1868 [1. ed. 1863/1864].
- SCHÜLER, C. J. **Cartografando o mundo**. Paris: Éditions Place des Victoires, 2010.
- SMITH, George. **The dictionary of national biography**, second Supplement. London: Smith, Elder & Co., vol 1 [1885-1912], 1912.
- SOUZA E OLIVEIRA JR, Saturnino de. *Algumas reflexões sobre a séde das moléstias*. These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada no dia 13 de dezembro de 1847. Rio de Janeiro: Typ. do Diario, de N. L. Vianna. 1847.
- SOUZA E OLIVEIRA, Saturnino de. **Diccionario da Lingua Nbandu ou Ngolense Tomo 1º - Nbandu para Portuguez**. Luanda: Imprensa do Governo, 1864.

- SOUZA E OLIVEIRA, Saturnino de & Francina. Manuel Alves de Castro. **Elementos grammaticaes da língua bunda**. Luanda: Imprensa do Governo, 1864.
- STARR, Frederick. **A bibliography of Congo languages**. Chicago: The University of Chicago Press, 1908.
- SUITE du recueil **des pieces concernant le bannissement des Jesuites de toutes les terres de la domination de Sa Majesté Catholique**: Denombrement general des Maisons, Collèges, Résidences, Séminaires, & Missions des Jesuites dans tous les pays du Monde. s.d.. S.l.: s.n., [17--].
- TAVARES, José Lourenço. **Gramática da língua do Congo (kikongo)**: (dialecto kisolongo). Luanda: Imprensa Nacional de Angola, 1915.
- TAYLOR, William. Bishop Taylor's African Missions. In: Smith, Eugene R. (ed). **The Gospel in all lands** [for year 1888]. New York: Missionary Society/ Methodist Episcopal Church, 1888.
- THE MISSIONARY HERALD. n. 81, v.10, out. 1885.
- THORNTON, John. Angola e as origens de Palmares. In: Gomes, Flávio (org.). **Mocambos de Palmares: histórias e fontes (séculos XVI-XIX)**. Rio de Janeiro: 7Letras. 2010, p. 48-60.
- THORNTON, John K. **A Cultural History of the Atlantic World, 1250-1820**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- THORNTON, John K. Conquest and Theology: The Jesuits in Angola, 1548–1650. **Journal of Jesuit Studies**. v. 1, n.2, 2014, p. 245 – 259
- VERDELHO, Telmo. A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal. **Brigantia**. v. 2, n.4, out-dez 1982, p. 347-356
- VILLARES, Artur. As ordens religiosas em Portugal nos princípios do século XX. **Revista de História**. n. 13: p. 195-223, 1995.
- VILLAS BÔAS, Felipe Pires. **Portugueses, moradores e sobas em Golungo Alto, Angola: Negociação e conflito em narrativas de militares, (c. 1840 c. 1860)**. Campinas: Unicamp, dissertação de mestrado, 2018.
- VILLELA, Clarisse Martins. **Hospícios da Terra Santa no Brasil**. São Paulo: USP. tese de doutorado, 2015.
- WALSH, Thomas J. Spelling lapses in early medieval Latin documents and the reconstruction of primitive Romance phonology. In: WRIGHT, Roger (ed.). **Latin and the Romance languages in the early middle ages**. University Park, Pa.: Pennsylvania State University Press, p. 205-218, 1996.
- XAVIER, Francisco da Silva. **Fonologia segmental e supra-segmental do Quimbundo**: variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange. São Paulo: USP, tese de